

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA - CCEN
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA**

**A UTILIZAÇÃO DE MAPAS COMO RECURSO
DIDÁTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II NO
INSTITUTO EDUCACIONAL PROF^a MARIA DOS ANJOS**

WILLIAMS SILVA DOS SANTOS

JOÃO PESSOA
JUNHO/2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA - CCEN
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA**

**A UTILIZAÇÃO DE MAPAS COMO RECURSO
DIDÁTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II NO
INSTITUTO EDUCACIONAL PROF^a MARIA DOS ANJOS**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Geografia, como parte do cumprimento dos créditos para a obtenção do título de bacharel em Geografia pela UFPB.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues.

JOÃO PESSOA
JUNHO/2016

Catálogo na publicação
Universidade Federal da Paraíba
Biblioteca Setorial do CCEN
Bibliotecária Josélia M. O. Silva – CRB15/113

S237u Santos, Williams Silva dos.
A utilização dos mapas como recurso didático no ensino fundamental II no Instituto Educacional Profª Maria dos Anjos / Williams Silva dos Santos. – João Pessoa, PB, 2016.
70p. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba.
Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues.

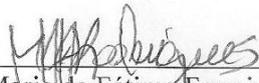
1. Cartografia. 2. Mapas. 3. Recursos didáticos – Ensino-aprendizagem. I. Título.

Williams Silva dos Santos

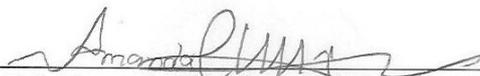
A utilização de mapas como recurso didático no Ensino Fundamental II no Instituto Educacional Prof^a Maria dos Anjos

Monografia apresentada como cumprimento às exigências para obtenção do título de bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.

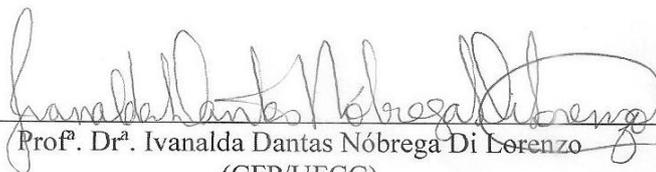
EXAMINADORES



Prof.^a. Dr.^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues (orientadora)
Departamento de Geociências do Campus I - UFPB



Prof.^a. Dr.^a. Amanda Christinne Nassimento Marques
Departamento de Ciências Básicas e Sociais do Campus III - UFPB



Prof.^a. Dr.^a. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
(CFP/UFCG)

João Pessoa - PB
Junho, 2016

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus! Sem a sua força não seria possível a conclusão desse trabalho que tem por objetivo culminar meu processo acadêmico referente à docência geográfica;

Agradeço aos meus pais que dia após dia me incentivam na vida acadêmica, colaborando de todas as formas para que fosse possível o término de mais esse curso;

Agradeço a Flávia de Carvalho Chaves, diretora da escola na qual leciono pela manhã, pelo ajuste necessário na grade de horários realizado no início desse ano, para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos, sem atropelos nas disciplinas referentes a esse último semestre;

Estendo meus sinceros agradecimentos como participantes essenciais nesse encerramento de minha trajetória, os profissionais Ivânia Mara Zanella e Otávio Medeiros que fazem parte do quadro de profissionais da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR – Unidade João Pessoa II), instituição na qual atualmente eu trabalho nos turnos tarde e noite, que por sua vez, em acordo, me liberaram em horários adequados à minha agenda de estudos para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos, e fazendo jus a essa confiança consegui utilizar menos da metade dos dias que me disponibilizaram. Obrigado mesmo!

Importante agradecer também aos meus amigos que tiveram a paciência de compreender a minha ausência nas atividades do dia a dia, cada um por motivos específicos, em especial a Gisbelly Darffilly, Joelson Jacó, Marthon Cardoso e Roberta Kelly. A colaboração de vocês também foi essencial para a conclusão deste trabalho;

Em especial, agradeço ao meu colega de sala Paulo Pereira, que deste o início do período esteve me deixando atento aos prazos estipulados pela professora da disciplina Pesquisa Geográfica, principalmente nos dias das aulas em que eu não pude estar presente;

Agradeço também à minha Prof^a orientadora Maria Fátima Ferreira Rodrigues que não mediu esforços para colaborar nesse processo de construção desse trabalho, que por sua vez, me proporcionou novas descobertas no âmbito acadêmico;

Por fim, agradeço à todos que diretamente ou indiretamente participaram dessa minha segunda trajetória acadêmica, que tenho certeza que só está começando.

Avante!

EPÍGRAFE

*"A educação é um processo social, é desenvolvimento.
Não é a preparação para a vida, é a própria vida".
(John Dewey)*

RESUMO

Este trabalho traz uma discussão sobre a utilização de mapas visto como um recurso didático no ensino da Geografia, tendo como referência a fase escolar correspondente ao Ensino Fundamental II no Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos. Essa temática foi escolhida a partir da afinidade com este conteúdo, que por sua vez desde meus primeiros passos escolares possuía um olhar diferenciado para com as representações cartográficas. Dentre os objetivos, pode-se citar a importância dos estudos com mapas no ambiente escolar, assim como a análise do livro didático e do processo ensino aprendizagem da escola pesquisada. O percurso metodológico foi embasado em referências bibliográficas e realização de uma pesquisa de campo. Como resultados alcançados, podemos destacar que os alunos consideram importante a utilização de mapas no ensino da Geografia e reconhece que o professor tem um papel fundamental nesse processo de ensino-aprendizagem. De modo geral, os capítulos apresentam uma ampla discussão sobre a importância da utilização do ensino da Cartografia em um contexto escolar, mostrando produtos relacionados a sua origem até os dias atuais, por meio de uma exposição dos fundamentos teóricos de diversos autores e da visão de quem está dia após dia na prática educacional, ou seja, os alunos e professores.

Palavras chaves: Cartografia; Mapas; Recursos didáticos; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This paper presents a discussion on the use of maps seen as a teaching resource in the teaching of geography, with reference to the corresponding stage school to Secondary School in the Educational Institute Professor Mary of the Angels. This theme was chosen from the affinity for this content, which in turn since my first school steps had a different look with cartographic representations. Among the objectives, we can mention the importance of studies with maps in the school environment, as well as the analysis of textbooks and learning process of the surveyed school. The methodological approach was based on references and conducting field research. As results achieved, we can highlight that students consider important to use maps in the teaching of geography and recognizes that the teacher plays a key role in the teaching-learning process. In general, the chapters present a broad discussion on the importance of using the teaching of Cartography in a school context, showing products related to its origin to the present day, through an exhibition of the theoretical foundations of various authors and vision who is day after day in educational practice, ie, students and teachers.

Key words: Cartography; maps; Didactic resources; Teaching and learning.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa Físico do Brasil -----	32
FIGURA 2: Exemplo da utilização dos símbolos -----	33
FIGURA 3: Mapa das Massas de Ar do Brasil -----	34
FIGURA 4: Mapa da distribuição espacial da indústria dos Estados Unidos -----	35
FIGURA 5: Mapa das Médias térmicas anuais dos climas da Austrália -----	36

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Conteúdos do 2º semestre do Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos -----	44
QUADRO 2: Pergunta A -----	45
QUADRO 3: Pergunta B -----	45
QUADRO 4: Pergunta C -----	46
QUADRO 5: Pergunta D -----	46
QUADRO 6: Pergunta E -----	47
QUADRO 7: Pergunta F -----	47
QUADRO 8: Pergunta G -----	47
QUADRO 9: Pergunta H -----	48
QUADRO 10: Pergunta I -----	48
QUADRO 11: Pergunta J -----	48
QUADRO 12: Pergunta K -----	49

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Quantidade de alunos entrevistados -----	39
GRÁFICO 2: Materiais didáticos que contém mapas utilizados no cotidiano escolar -	40
GRÁFICO 3: Conteúdos ministrados com a utilização de mapas -----	41
GRÁFICO 4: Grau de importância atribuído pelos alunos à utilização de mapas ----	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
3. A ATUAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO DA GEOGRAFIA	20
4. A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE MAPAS NO CONTEXTO ESCOLAR	27
4.1 O MAPA E SUAS DIFERENCIAÇÕES	27
4.2 CARACTERÍSTICAS DOS MAPAS PRESENTES NO LIVRO DIDÁTICO ADOTADO PELO INSTITUTO EDUCACIONAL PROF ^a MARIA DOS ANJOS	29
5. REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS	39
5.1. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS APLICADAS AOS ALUNOS	39
5.2. RESULTADO DA ENTREVISTA APLICADA COM O PROFESSOR	50
CONSIDERAÇÕES	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	60
ANEXOS	66

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal discutir a importância da utilização dos mapas como um recurso didático no processo ensino aprendizagem no contexto escolar. Especificamente, foi escolhida a etapa do ensino fundamental II e teve em uma de suas fases de elaboração a realização de uma pesquisa no Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos, localizada no bairro do Grotão em João Pessoa-PB.

Os mapas estão presentes no cotidiano do ensino da Geografia e para poder compreender o processo de ensino-aprendizagem estabelecido nesse contexto escolar, foi necessário seguir os seguintes objetivos específicos: Interpretar a importância da linguagem cartográfica na comunicação geográfica no contexto da educação escolar; Investigar sobre o uso dos recursos didáticos no ensino da Cartografia; Avaliar o livro didático adotado no Ensino Fundamental II da escola no qual foi escolhido para a pesquisa e analisar o processo ensino aprendizagem mediante a utilização de mapas.

A escolha deste tema surgiu por meio do interesse pessoal de aprofundar nos conceitos presentes sobre Cartografia, expandindo assim os estudos acerca do processo de ensino-aprendizagem e do papel do professor no ensino da Geografia. Discutir as possibilidades do aprendizado por meio da educação cartográfica faz com que percebamos a sua importância cotidianamente na vida dos alunos envolvidos nesse processo.

No primeiro capítulo corresponde a parte introdutória que traz uma noção da perspectiva que o leitor terá com relação a todo o conteúdo do trabalho, contendo assim explicações importantes do que está sendo abordado em todo processo de organização das temáticas, assim como da pesquisa desenvolvida.

No segundo capítulo contempla a contextualização do tema juntamente com os procedimentos metodológicos escolhidos. O mesmo inicia com a explicação do porque da escolha da temática do trabalho e em seguida são expostos teorias sobre metodologias e métodos que por sua vez, são de base fundamental para a atividade da pesquisa de campo utilizada, devido a um processo de construção de saberes adquiridos.

O terceiro capítulo concentra-se na atuação do docente no ensino da Geografia. A sua prática diária no contexto escolar, suas possibilidades de proporcionar um melhor ensino mesmo diante dos desafios presentes no processo ensino-aprendizagem.

No quarto capítulo o enfoque é dado na importância da utilização de mapas no contexto escolar, sendo este, subdividido em duas partes, são elas: o mapa e suas diferenciações e as características dos mapas presentes no livro didático adotado pela escola escolhida para a pesquisa de campo. Este capítulo traz a centralidade da discussão do trabalho como o todo, no qual contempla as características específicas presentes nos mapas, assim como está composto por uma análise dos livros do Ensino Fundamental II da escola pesquisada. Como melhor compreensão, alguns exemplos de mapas são expostos no decorrer do texto como forma de melhorar o entendimento de suas respectivas representações.

O quinto capítulo é contemplado pelo registro e análise de dados coletados mediante as entrevistas realizadas com os alunos e o professor de Geografia da escola. Questão por questão é exposta e comentada, tendo um elo contínuo com os teóricos.

Dessa forma, percebe-se que existe uma ampla discussão em volta da temática da utilização de mapas no ambiente escolar, principalmente no que se refere às aulas de Geografia.

O percurso metodológico da construção desse trabalho partiu de uma incessante pesquisa bibliográfica, assim como da execução de entrevistas. Desta forma, os textos aqui presentes, possuem uma ampla discussão referente à temática proposta e sua prática. Portanto, este trabalho mais do que aprofundar os conceitos teóricos referentes ao tema, se propõe a relacioná-los com a prática tendo a finalidade de colaborar no processo educacional, servindo posteriormente como fonte de pesquisas para as demais pessoas que desejam melhor conhecer e dialogar sobre este campo de conhecimento.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O homem durante séculos sempre esteve em busca de encontrar maneiras para se comunicar, desse modo, registrava a sua história através dos desenhos e de pinturas e por meio dessas formas de linguagens surgiram os primeiros mapas, tornando-se um instrumento de grande importância para orientar-se e localizar-se. No entanto, antes dessa descoberta os homens já realizavam os seus registros desde a Pré-história, através de pinturas e até entalhes em pedras para representar algumas localidades e/ou caminhos percorridos. Observa-se então que a cartografia possui uma trajetória interligada à construção social no decorrer da história. Longo (2011) nos apresenta que a origem dos mapas se deu por volta de 2.500 a.C pelos povos Sumérios, no qual representaram a Mesopotâmia, incluindo em sua representação o rio Eufrates e o Monte Zagros.

Os egípcios e chineses em meados do século IV a.C. dominaram técnicas cartográficas que por sua vez serviam para realizar os registros das atividades diárias além do invento do Cadastro Territorial, que media, registrava e demarca as fronteiras das propriedades rurais tendo como fins a tributação. Esses acontecimentos indicam a origem árabe da geodésia e da própria matemática.

Ao nos referirmos à cartografia contemporânea, os gregos são considerados como pioneiros, Alexandria e Atenas são as escolas consideradas como destaque desse período histórico. Nesse período mesmo tendo limitações técnicas as representações se restringiam nas áreas dos rios Eufrates e Tigre. Os gregos ao utilizarem a trigonometria teorizaram que a Terra possuía o formato de uma esfera, a partir disso criou o sistema de coordenada geográfica, dentre inúmeras outras contribuições. A cartografia na comunidade romana teve uma contribuição no aspecto prático. Os mapas tinham a finalidade de representar pequenas áreas, territórios e rotas comerciais. E ao se tratar em um propósito geopolítico, eles percebiam que o conhecimento do espaço geográfico se constitui num poderoso instrumento de dominação.

O século XVII foi de bastante importância na história da Cartografia, pois foi nesse período que ela se tornou ciência, passando a adquirir um novo perfil, fazendo-se envolver em diferentes aspectos presentes na representação em relação aos fenômenos geográficos. Já no século XX com os avanços e desenvolvimento a Cartografia caracteriza-se através dos aspectos quantitativos assim como os qualitativos. Por meio

dos conhecimentos presentes na informática, a possibilidade de fotos aéreas, registros de satélites e sensoriamento, as representações cartográficas adquiriram aspectos mais dinâmicos e interativos.

Observa-se que as primeiras definições da Cartografia a colocavam como a responsável pela representação da Terra, em todos os seus aspectos. Nos últimos 30 anos a cartografia passou a ser definida como teoria, técnica e prática responsável pela criação e uso dos mapas e Segundo Simielli (2008) a forma que o mapa se apresenta é fundamental para o seu entendimento. Essa concepção foi evoluindo e passou que todos concebessem a cartografia como técnica, tendo o objetivo de sua confecção do mapa.

“Assim, como propõem alguns autores, a cartografia passa a se preocupar com o usuário do mapa, com a mensagem transmitida e com a eficiência do mapa como meio de comunicação”. (Simielli. In: Almeida, 2008, p. 73)

Diante desse breve histórico, no decorrer de sua existência, observa-se que a cartografia passou por inúmeras transformações. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia definem a cartografia como:

Um conhecimento que vem se desenvolvendo desde a pré-história até os dias de hoje. Através dessa linguagem é possível sintetizar informações, expressar conhecimentos, estudar situações, entre outras coisas — sempre envolvendo a idéia da produção do espaço: sua organização e distribuição.

Percebe-se quanto a cartografia possui uma estreita relação com cotidiano das pessoas, pois ao se referir ao espaço geográfico, traz consigo a necessidade de descrever as reais representações da localidade analisada. Nos dias de hoje, a cartografia demonstra a sua valorização como aquela que contribui no desenvolvimento social, econômico e político dos indivíduos.

Diante de todo esse contexto, o mapa é compreendido como uma linguagem mais antiga que a própria escrita. O homem em seu processo de evolução sempre procurou desenvolver atividades exploratórias do espaço circundante, na preocupação de representá-lo para diversos fins. O mapa surge, então, como uma forma de expressão e comunicação entre os homens e sua importância revela-se na sistematização e representação de informações, que vão desde a indicação de localidades, medição de distâncias e elementos contidos nelas.

No entanto, para que se pudesse ter um trabalho bem desenvolvido, foi preciso estratégias no qual foram utilizadas para que se possam atender as especificidades da pesquisa proposta. Inicialmente, o levantamento bibliográfico foi o ponto de partida e esteve presente no decorrer de toda a construção do trabalho. A pesquisa foi realizada a partir da leitura de livros, artigos e monografias. Autores como ALVES, CASTROGIOVANNI, CAVALCANTI e LACOSTE foram fundamentais para que o entendimento de algumas situações ficassem mais claras, colaborando de modo significativo no contexto do trabalho. A metodologia utilizada foi previamente pensada, pois foi a partir dela foi possível encontrar o método que melhor adequou-se à pesquisa.

Importante registrar que esta pesquisa está situada em uma corrente de pensamento crítico referente a prática do docente no âmbito escolar, sendo esta, uma discussão que permeia constantemente o universo educacional. Ao direcionar-se a uma discussão crítica da prática pedagógica, recorre-se ao esforço estabelecido por parte do professor para que seu alunado possa adquirir os conhecimentos necessários, sendo estes, pré-estabelecidos pela escola, mas que principalmente a instituição possa favorecer a concretização dessas possibilidades. Nesse debate, ADORNO (1972, p. 69), referencia o seguinte:

O professor é o mediador fragilizado entre o aluno e a instituição que dita as regras do jogo. Professor enquanto mediador, postura tão efusivamente pelas pedagogias progressistas, na realidade, depõe contra a docência no sentido de ser uma atividade de circulação: o professor tem se tornado mais e mais um vendedor de conhecimentos.

Observe-se que os desafios na atuação do professor em sala de aula são constantes, sendo preciso apoio por parte da equipe pedagógica para vencer os obstáculos. No que se refere ao processo ensino-aprendizagem, ele deve ser acontecer de modo significativo, ou seja, deve contemplar não somente os conteúdos propostos pela instituição, mas aprimorá-los mediante ao debate e percepção da realidade. É por meio do pensamento crítico que acontece o rompimento da neutralidade no estudo da geografia, proporcionando o engajamento e a criticidade junto às esferas sociais, econômicas e política de modo bem mais amplo do que se imagina. Estabelece uma leitura crítica da prática pedagógica frente aos problemas existentes. Defendia ainda a mudança do ensino da geografia nas escolas, estabelecendo uma educação capaz de estimular a inteligência e o espírito crítico.

A natureza desse trabalho configura-se em uma pesquisa qualitativa, estando em busca de analisar a utilização dos recursos cartográficos como um recurso didático e tem como referência a teoria crítica do conhecimento. Tendo como base as informações coletadas, e estas relacionadas as teorias que envolvem a natureza desta pesquisa. Vejamos o que Martins (2004) nos diz que

outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisa os dados — isto é, como se atribui a eles significados — sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar trabalho de campo.

A partir desse entendimento, a pesquisa qualitativa mostra-se como aquela que contém representatividade, enraizada de opiniões, onde consegue descrever as ideias de um determinado grupo e por sua vez, consegue transmitir uma interpretação sobre o que se está pesquisando.

A escolha de uma pesquisa qualitativa possibilita a leitura da realidade, pois, segundo Chizzotti (1995, p.79),

a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Observa-se que o ato de pesquisar, trata-se de explorar, ou seja, proporciona diversas maneiras para que o pesquisador tenha êxito em sua fonte de estudo, podendo estas possuir uma flexibilidade no decorrer de sua aplicabilidade. Vejamos o que nos diz Needleman & Needleman (apud GONDIM, 1999, p. 20).

[...] De fato, tais estudos, frequentemente, começam com uma falta de clareza e imprecisão deliberadas em seu planejamento e metodologia, a fim de permitir um máximo de flexibilidade, propiciando revisões e o desenvolvimento, no curso da

pesquisa, de ideias fragmentadas e de observações que possam levar as descobertas acidentais (serendipidade).

O ato de pesquisar está inteiramente relacionado a metodologia e os métodos escolhidos. Ambos estão em consonância, e essa dimensão atua de modo simultâneo. Metodologia é um termo que tem diferentes significados e, sendo assim, pode ser empregado em diferentes contextos. De modo geral, ela é utilizada, segundo Kaplan (apud MARTINS; THEOPHÓLIO, 2007, p.37) “[...] para fazer referência a uma disciplina e ao seu objeto. Identificando tanto o estudo dos métodos, quanto o método ou métodos empregados por uma determinada ciência”.

O método refere aos procedimentos utilizados, os instrumentos capazes de proporcionar a realização de uma pesquisa científica. A definição apresentada por Lakatos e Marconi (2001, p. 83) apresenta o método como:

[...] o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 15):

[...] não existe um método que possa ser recomendado como melhor ou mais efetivo [...] a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo do problema estudado.

Diante disso, observa-se que o método pode ser compreendido como um conjunto de dados e regras que permite atingir os objetivos da pesquisa, que no qual, precisam estar bem definidos. Desse modo, perceber que existem confrontos no meio do percurso também faz parte desse processo. O ato de pesquisar está envolvido com o contexto bem amplo, no qual precisa enxergar o específico, ou seja, o objeto de estudo.

A clareza no que se deseja pesquisar precisa estar presente, sendo esta, contempladora de exequibilidade e por si só ser pertinente em sua procura. “É necessário que se coloque uma verdadeira indagação, e não algo que o pesquisador já sabe, ou seja, deve-se evitar transformar pressupostos em perguntas que sejam apenas retóricas” (GODIM, 1999, p. 30). Como esse instrumento está sendo utilizado nas aulas de Geografia? Quais as melhores propostas de sua utilização no contexto escolar que possa desenvolver um processo significativo do ensino-aprendizagem? Estas são algumas perguntas que serviram base no decorrer da pesquisa norteando as questões a

serem investigadas. E foi diante delas da que adotamos métodos apropriados para a coleta e análise que elaboramos nossos instrumentos de coleta roteiros de entrevistas. Realizamos entrevistas, com o corpo discente do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) composto por 64 (sessenta e quatro) alunos e outra com o professor que rege as aulas de geografia na escola. A preocupação em buscar informações por diferentes fontes é essencial na pesquisa qualitativa. Sem pretender esgotá-las, pode-se dizer que incluem:

- a) um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente, o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes tem da situação sob estudo;
- b) ênfase na subjetividade ao invés de na objetividade: aceita-se que a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes;
- c) flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permite a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) orientação para o processo e não para o resultado: a ênfase está no entendimento e não num objetivo pré-determinado, como na pesquisa quantitativa;
- e) preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência;
- f) reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado.

Diante disso, foram realizadas entrevistas estruturadas sendo estas, o método definido para a busca do conhecimento desejado. Ir em busca de várias visões, proporcionou um melhor entendimento do que o objetivo desse trabalho propõe. Dessa forma, foi preciso saber como está a realidade, e assim, no ato de relacionar com os escritos de autores da área, foi possível desenvolver um raciocínio da realidade pesquisada, sendo então desenvolvido por um questionário estruturado, contendo perguntas pertinentes a temática e principalmente a fim de responder as indagações do trabalho.

De modo mais amplo, ao meu entendimento, esse processo de pesquisa pode encontrar dois fatores resultantes: a concordância e a divergência de ideias. Dessa forma é natural a possibilidade de se chegar a um consenso, se for a opinião de uma maioria ou então pode acontecer o contrário, ou seja, o meio termo pode existir, demonstrando uma outra possibilidade de análise. Por isso, estar em constante diálogo com os autores é de suma importância para que se possa ter embasamento no que se está analisando.

No que se refere ao trabalho de campo no ano de 1985, Lacoste já dizia que o trabalho de campo para não ser somente um empirismo, deve articular-se a formação teórica que é ela também indispensável. Diante dessa percepção, este trabalho teve essa trajetória, no qual foi preciso estar em campo para poder dar continuidade a sua pesquisa. Sabe-se que o trabalho/pesquisa de campo é importante para que se possa compreender as particularidades a partir de um todo. Segundo Gonsalves (2001, p.67),

a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Diante disso, tal pesquisa contou com uma amostra de entrevistas realizadas com os alunos da escola escolhida, que em seguida passou uma análise das respostas obtidas. A necessidade de se compreender o contexto pesquisado parte do princípio de relacioná-los com teorias existentes. É constituído assim, um constante diálogo entre a teoria e prática, e obviamente sabe-se que esse processo de pesquisa não necessariamente se conclui nesta exposição, mas podendo ir além, por meio de novas possibilidades de pesquisa.

Observando todo esse processo, a pesquisa de campo me proporcionou um olhar mais especial no que se refere ao contexto pedagógico. A partir de uma análise da realidade, mesmo tendo sido realizado em apenas dois encontros, a experiência foi bastante proveitosa. Iniciando pela receptividade por parte da direção da escola, assim como a aceitação dos alunos em responder as entrevistas. O mais interessante é que a própria direção fez questão de saber os resultados obtidos, o que obviamente já iria ser feito.

De modo geral, a amplitude da importância desse trabalho de campo para a minha vida acadêmica possui um grande significado, pois ele proporciona a culminância de mais uma etapa referente aos estudos das teorias dos autores que permeiam a Geografia, essa disciplina que desde muito cedo tenho uma aproximação, pela riqueza de elementos que ela possui. Importante ressaltar que considero este trabalho como um ponto inicial para posteriores pesquisas, pois o mesmo possui uma riqueza de discussões, tendo assim a capacidade proporcionar mais estudos e pesquisas sobre a temática da Cartografia e demais temas da Geografia.

3. A ATUAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO DA GEOGRAFIA

O ensino da Geografia busca consolidar-se inserindo-se no processo necessário à inovação dos seus fundamentos. Proporcionar o entendimento de vários conceitos e realidades existentes no espaço geográfico faz com que o profissional se atente a várias práticas pedagógicas, superando os desafios existentes no âmbito educacional. Um dos pontos de partida que um professor da ciência geográfica pode utilizar em sua prática docente é ter como referência as realidades existentes a sua volta. Discutir os conhecimentos reais da comunidade escolar em que esteja inserido pode ser norteador para a compreensão dos diversos fenômenos que compõem o domínio da Geografia pode abranger, fenômenos situados no âmbito natural ou social.

O ensino da Geografia possibilita aos educandos a compreensão de sua posição nas relações da sociedade com a natureza; bem como suas ações, individuais ou coletivas, emitem conseqüências tanto para si como para a sociedade. De modo similar, permite que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações estabelecidas na construção do espaço geográfico onde se encontram inseridos, enquanto sujeitos, tanto no contexto local como mundial. (BRASIL, 1998).

Em sala de aula, os professores devem estimular a prática de pensar e repensar o mundo, que muitas vezes é apresentado de maneira fragmentada. É desafio de sua prática desenvolver uma leitura articulada e problematizada dos fatos atuais com seu corpo discente, de modo que eles consigam contextualizar as diversas significações, tendo uma visão ampla de sujeitos, espaços e acontecimentos diferentes. Segundo Castrogiovanni (2002), contextualizar é fazer com que o aluno se envolva, se interesse pelo processo de aprendizagem. Cavalcanti (2002) vê na contextualização da Cartografia uma forma do educando ter contato com o conhecimento a partir da prática, do cotidiano.

Desse modo, observamos a importância de estudar Geografia, sendo fundamental para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações no mundo. O elo de comunicação entre o passado, presente e futuro deve estar em constante diálogo. Por isso, é perceptível como a disciplina de Geografia possui um papel de destaque no contexto escolar, pois ela é uma disciplina que possibilita de modo bem próximo o acompanhamento das transformações recentes da

sociedade. Nesta concepção, Oliveira (1998) exprime que existe um renovado interesse pelo estudo da Geografia em virtude do processo de aceleração da globalização. Isso faz com que percebamos a importância desse ensino não somente em uma amplitude nacional, mas principalmente mundial, não constituindo apenas um processo ensino-aprendizagem em uma sala de aula, mas indo muito além, na função de desenvolver a inteligência, o senso crítico, a criatividade por meio de uma discussão dos diversos problemas existentes no mundo.

Para Cavalcanti (2002, p.12) o ensino escolar “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e os métodos.” Além de uma maior abrangência ao que se refere às relações sociais, um dos maiores objetivos do ensino da Geografia e da escola como um todo é também o de formar valores, o respeito ao outro, o respeito às diferenças e o combate as desigualdades e injustiças sociais.

O ensino por sua vez é o elo dessa adaptação que então, o professor deve procurar ao máximo fazer com que os alunos sejam contemplados por um currículo que contenha não somente conteúdos didáticos, estes, já determinados nos livros, mas também temas que colaborem para a formação humana.

Partindo do princípio da importância do ensino, ao se tratar da disciplina Geografia, podemos compreender melhor sobre o seu objetivo quando lemos os PCN (1998, p. 108) onde está registrado que

o ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo de conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza as quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

Ao refletir a citação anterior, observa-se a necessidade de dar ênfase a vida do cotidiano dos alunos, tomando como exemplo o conhecimento que os alunos trazem de casa, este compreendido como conhecimento empírico. O professor quando leva em consideração os alunos como sujeitos ativos do processo de ensino, está assim desenvolvendo um processo de ensino e aprendizagem com mais possibilidade de

assimilação dos conteúdos propostos para a sua formação escolar. A relação entre a ciência e o senso comum, entre o concebido e o vivido vai se tornando mais possível quando o educador não somente ensina, mas antes de tudo propicia uma análise dos diversos contextos em que todos estão inseridos, contribuindo para a concretização de uma verdadeira práxis educativa.

Nesse sentido Cavalcanti (2003, p.25), afirma que o “ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino”. Essa articulação só pode acontecer de fato quando o professor se preocupa e desenvolve de forma efetiva o compromisso que é exigido pela profissão, onde no processo educacional, seja um agente que não se atenha somente na transmissão de informações, mas antes de tudo, propicie reflexões entre a teoria e o dia a dia dos envolvidos, fazendo acontecer uma troca de conhecimentos, incentivando-os na própria vontade de sempre querer aprender mais, indo além dos conhecimentos adquiridos no ambiente escolar.

A relação professor-aluno promove um pensamento crítico da realidade. A valorização da vivência desses indivíduos faz com que eles possam perceber que a Geografia faz parte do cotidiano de cada um. Suas marcas, sua história, não podem ser desconsideradas, pelo contrário, devem trazer consigo a importância de sentirem autores de suas histórias e que estas, dependem das demais pessoas. O debate em sala de aula, a troca de experiências é um modo interativo do estudo da sociedade e da natureza. Sobre essa questão os PCN exprimem-se do seguinte modo:

O espaço considerado como território e lugar é historicamente produzido pelo homem à medida que organiza econômica e socialmente sua sociedade. A percepção espacial de cada indivíduo ou sociedade é também marcada por laços afetivos e referências socioculturais. Nessa perspectiva, a historicidade enfoca o homem como sujeito produtor desse espaço, um homem social e cultural, situado além e mediante a perspectiva econômica e política, que imprime seus valores no processo de produção de seu espaço. Assim, o espaço na Geografia deve ser considerado uma totalidade dinâmica em que interagem fatores naturais, sociais, econômicos e políticos. Por ser dinâmica, ela se transforma ao longo dos tempos históricos e as pessoas redefinem suas formas de viver e de percebê-la. (1998, p. 27)

A escola por sua vez, é compreendida como o espaço pelo qual os professores podem atuar de modo renovador. As estratégias pedagógicas são as possibilidades necessárias para que se tenha êxito no cotidiano escolar. Em especial o professor de

Geografia, precisa a cada momento dar significado aos seus conteúdos tendo como princípios objetivos, oportunizado o debate das relações existentes entre a sociedade e o meio no qual ela se encontra, uma vez que

cada sociedade produz uma Geografia de acordo com seus objetivos. [...] Se nossos alunos puderem ter na Geografia um instrumento útil de leitura do mundo, estaremos ajudando a construir não só uma escola, como uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana. (KAERCHER, 1999, p. 16)

A atuação deste profissional vai muito além do ato de proporcionar aos discentes a interpretação do espaço por meio de representações gráficas e suas relações existentes. Ele possui um papel de formador de cidadãos capazes de relacionar o contexto de vida individual, com os demais saberes, sendo assim, uma práxis entre vida e ciência.

Deste modo, um dos maiores desafios do ensino hoje de Geografia, é aplicar uma prática pedagógica em que a realidade vivenciada pela comunidade escolar seja uma peça de reflexão para ampliar a aprendizagem. O objetivo da Geografia na Educação Básica deve ser o de levar conhecimentos específicos desta ciência, além também de tornar uma disciplina interessante e importante na formação dos estudantes com papel de análise das relações sociais. (ALVES; TONINI; 2009, p. 1)

Ensinar Geografia é procurar desenvolver diariamente a interrelação entre a teoria e prática, através do domínio de estratégias e tarefas que tragam a realidade vivida para o ambiente escolar. Nessa perspectiva lembra-nos Santos (1997, p. 39) que:

A vida não é um produto da técnica, mas da política, a ação que dá sentido a materialidade. Nunca o espaço do homem foi tão importante para o destino da história. Se como diz Sartre “compreender é mudar”, fazer um passo adiante é “ir além de mim mesmo”, uma geografia re fundada, inspirada nas realidades do presente, pode ser um instrumento eficaz teórico e prático, para a re-fundação do Planeta.

Dialogando com essa forma de entendimento do espaço Dias (2010) acrescenta que é preciso que a Geografia percorra por um processo contínuo, a partir de caminhos que se vinculem às nossas heranças e, ao mesmo tempo estas sejam renovadas. Quando o professor está comprometido com o processo educacional, ele consegue ir além do que seus próprios objetivos iniciais, fazendo-se utilizar de estratégias e recursos que promovam não somente a assimilação dos conteúdos curriculares, mas o despertar do interesse pelos estudos.

A atuação do professor deve ser compreendida como um conjunto de ações conscientes, intencionais, e direcionadas para um fim educativo. Assim, Veiga (2008, p. 17) nos diz:

[...] o lado objetivo da prática pedagógica é constituído pelo conjunto de meios, o modo pelo qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor. O que as distingue da teoria é o caráter real, objetivo, da matéria-prima sobre a qual ela atua, dos meios ou instrumentos com que se exerce a ação, e de seu resultado ou produto. Sua finalidade é a transformação real, objetiva de modo natural ou social, satisfazer determinada atividade humana.

Os professores de Geografia precisam ter consciência de quanto é importante refletir sobre a concepção de espaço e suas respectivas mudanças. Para Lacoste, (1988, p.256) o “saber-pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos”. Desenvolver uma formação crítica dos alunos é um desafio diário no ensino nos dias atuais, promovendo a formação de indivíduos capazes de compreender e diferenciar os aspectos físicos e ideológicos do mundo em que vivemos. Para isto, faz-se necessário que o professor tenha um processo diário pela busca de novas metodologias e técnicas para que aconteça o processo de ensino-aprendizagem significativo. Dentre estas, este trabalho enfoca a maneira que os docentes utilizam os mapas em sala de aula, sendo este, um recurso imprescindível nas aulas de Geografia.

Em especial, ao tratarmos da necessidade de utilizar-se de recursos cartográficos, compreendemos que os mesmos possuem grande importância no processo ensino-aprendizagem da ciência geográfica, colaborando no incentivo da construção do conhecimento. “O fundamental no ensino da Geografia é que o aluno/cidadão aprenda a fazer uma leitura crítica da representação cartográfica, isto é, decodificá-la, transpondo suas informações para o uso do cotidiano”. (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 38).

Nessa visão, ressalta-se a importância de trabalhar com os mapas, sendo este o principal recurso para que se possa aprender a amplitude de determinados conteúdos, como por exemplo, a localidade e distância entre territórios de diversas nações.

De modo geral, a atuação docente deve partir do princípio da necessidade de elaborar aulas bem planejadas, utilizando recursos didáticos quando necessário para que assim consiga envolver o corpo discente, atendendo os objetivos dos conteúdos propostos.

Diante disso, nos capítulos que seguem, apresentamos com mais enfoque a questão da utilização de mapas no processo educacional, principalmente nas séries que constituem o Ensino Fundamental II. Trazemos como exemplo e como dado empírico, em especial, o campo de observação escolhido que foi o Instituto Educacional Prof^a Maria dos Anjos, localizado no bairro do Geisel em João Pessoa, Paraíba, Brasil.

4. A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE MAPAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Os mapas possuem a característica de produções culturais que retratam em sua maioria representações de territórios, e por meio desse entendimento é possível “ler” o contexto de uma sociedade. A relação do mapa no ensino da Geografia possui uma grande importância e precisa que se tenha uma leitura coerente, visto que a leitura que realizamos dos textos é diferenciada da leitura dos mapas.

Desde o início de nosso processo escolar, fomos instruídos a desenvolver uma leitura que desvende a ideologia contida no texto, estimulados por um olhar crítico, o que então não ocorre com os mapas, neles se faz necessário o entendimento das técnicas utilizadas para a sua elaboração, para que então se possa expor as informações presentes, desse modo, mal é percebido na leitura dos mapas um conteúdo ideológico.

Mediante a essa discussão percebe-se o quanto no caso do mapa o professor deve propiciar uma conexão entre o aluno e o conteúdo exposto, nesse caso, o mapa. O papel da mediação desse processo do conhecimento é de suma importância, pois é preciso que o professor considere como sujeito ativo em sua formação escolar.

Para Pontuschka (2001, p. 112), mesmo diante dos obstáculos existentes,

há que se pensar em um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão.

Existem vários tipos de mapas, e cada um possui como função proporcionar ao leitor informações sobre diversos temas, sendo estes de lugares próximos ou distantes. Um mapa, segundo Passini (1994), é a representação de um espaço concreto a partir de uma linguagem de símbolos que tem como componentes fundamentais os signos, a projeção e a escala. O professor deve proporcionar aos alunos a compreensão da

totalidade presente nos mapas, a explicação do espaço representado de forma reduzida e seus referentes conceitos das técnicas utilizadas.

O espaço escolar precisa estar atento ao processo de Educação Cartográfica, procurando na medida do possível desenvolver um espaço significativo, no desenvolvendo de atividades que contemplem os diversos fatores presentes na sociedade, seja a forma como qual ela se organiza, quanto as relações que nela são estabelecidas. Sobre isso Passini (1994, p. 11) afirma que

é na escola que deve ocorrer à aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço o que só será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço.

Ainda segundo Passini (1994), existem cinco passos metodológicos importantes para que o aluno possa desenvolver e aprender os conceitos cartográficos e assim consequentemente interpretar um mapa. O primeiro traz o entendimento que o aluno deve ser inicialmente o mapeador, possibilitando uma formação cognitiva ao que se refere a utilização da simbologia cartográfica. O segundo traz a ideia do espaço que então será mapeado, que deverá fazer parte do dia-a-dia do indivíduo. O terceiro se refere a organização, ordenação e quantificação do espaço vivido, por meio da elaboração dos símbolos. O quarto refere-se à compreensão significativa da relação espaço-tempo. O quinto e último trata-se da inclusão de espaços vividos, na percepção de que aquele espaço conhecido e/ou vivido é integrante de outro espaço ainda maior.

Para que tudo isso seja eficaz, faz-se necessário aproximar o aluno da sua própria realidade, mostrando que em seu cotidiano existem diversos conceitos que ele pode interpretar e até quem sabe elaborar novos. Por intermédio inicial de uma abordagem local, fica mais fácil, compreender fenômenos que ocorrem em uma escala mais ampla, sendo preciso ir de encontro a diversos conteúdos que propiciem a diversas leituras de “mundo” a serem criadas e reformuladas no ambiente escolar.

Diante dessa explanação, podemos perceber como é de suma importância que o conteúdo se torne significativo para os alunos, neste caso, como o mapa pode ser de fato atrativo para quem o manuseia. Os professores devem propiciar espaços onde aconteçam diálogos, trocas de conhecimento e contato com realidades diferentes, formando alunos críticos e ao mesmo tempo autônomos diante dos desafios do

cotidiano. Somente assim os estudos geográficos possibilitarão a aproximação da Cartografia com o cotidiano, pois o que ainda argumenta alguns autores é que

existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasia, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la representá-la melhor e, portanto viver em busca de seus interesses. As ciências, passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões. (CASTROGIOVANNI, 2001: 11)

Desse modo, percebe-se que a escola deve procurar cada vez mais procurar desenvolver espaços de relações, através de acolhimento e debates dos fatos que acontecem no cotidiano do corpo discente. Mostrar a espacialidade de cada um subsidiar o início de uma transformação dos sujeitos e do próprio espaço vivido.

4.1- O MAPA E SUAS DIFERENCIAÇÕES

No primeiro capítulo vimos que os mapas são as mais antigas representações do pensamento geográfico. Seus registros presentes na Grécia, no Império Romano, entre outras civilizações da Antiguidade, nos revelam a necessidade que o homem possui em demonstrar uma determinada informação. A Geografia por sua vez possui a tarefa de representar os fenômenos assim como a espacialidade.

O mapa apresenta-se como a construção de uma “imagem”, ou seja, compreende-se a um conjunto de informações, sendo estas representadas por símbolos, letras e cores, de modo que sua mensagem seja transmitida com facilidade e conseqüentemente qualidade. Duarte (1991) nos diz que o mapa é visto como um documento presente por uma linguagem gráfica, estabelecendo uma comunicação para o leitor.

Os mapas possuem duas características marcantes, a de orientação e localização, no entanto, no decorrer dos séculos as civilizações passaram a vê-los como um recurso importante para suas expansões e desenvolvimento, sendo colocados a serviço do poder. A importância do mapa no ensino da Geografia é de grande relevância, pois proporciona

um elo estreito na aprendizagem entre o conteúdo proposto e o aluno. Vejamos o que Oliveira (2010, p. 16) nos diz:

[...] o mapa ocupa um lugar de destaque na Geografia, porque é ao mesmo tempo um instrumento de trabalho, registro e armazenamento de informação, além de um modo de expressão e comunicação, uma linguagem gráfica.

Importante ressaltar que os mapas são produções cartográficas que esquematizam informações nas quais o elaborador deseja representar. Existem dois tipos bases de cartografia, a sistemática e a temática, cada uma constituída por características próprias.

A cartografia sistemática trata da representação do espaço territorial de um de uma determina área, seja por meio de cartas topográficas, sendo estas compostas por diversas escalas e para diversos fins, seja gerais ou específicos. Segundo Rosa (1996), na ciência responsável pela representação genérica da superfície tridimensional da Terra no plano.

A cartografia temática apresenta-se com a elaboração de mapas temáticos, sendo estes constituintes de informações específicas no qual o elaborador deseja demonstrar. Eles podem representar a geologia, o clima, os solos, a vegetação, os biomas, etc. Caracterizam-se pela utilização de símbolos qualitativos e/ou quantitativos, que facilitam o seu entendimento. No cotidiano escolar esses tipos de mapas são os que mais os alunos possuem contato, principalmente no Ensino Fundamental II, onde nos livros didáticos eles estão presentes em quase todos os conteúdos. A necessidade de compreendê-los é fundamental, e por isso o professor possui um papel de colaborar nesse entendimento.

A utilização de mapas no ensino da Geografia precisa ser bem direcionado. Os PCN apresentam orientações para cada disciplina, em especial para a Geografia no decorrer do ensino fundamental, daí que nesse documento recomenda-se:

Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições”. Fazer leitura de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens. Saber utilizar a linguagem cartográfica para obter

informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos. (PCN, 2001, p.122)

Percebe-se que o mapa em si, é sem dúvidas um recurso didático que deve ser utilizado pelo professor de Geografia, bem como por outros educadores de áreas afins com o objetivo de apresentar diversas temáticas, realizando um processo ensino-aprendizagem dinâmico e ao mesmo tempo eficaz, se este for bem direcionado. Segundo OLIVEIRA (1978, p, 56),

os mapas constituem, sem dúvida, um dos valiosos recursos do professor de Geografia, Eles ocupam um lugar definido na educação geográfica de crianças e adolescentes, integrando as atividades, áreas de estudos ou disciplinas, porque atendem uma variedade de propósitos e são usados em quase todas as disciplinas escolares. Mas é somente o professor de Geografia que tem formação básica para propiciar as condições didáticas para o aluno manipular o mapa. Com parte inerente de todos os programas de Geografia, qualquer que seja o assunto tratado ou série considerada, o mapa ocupa um lugar de destaque.

Diante disso, percebe-se o quanto a utilização de mapas possui um grande significado no cotidiano do ensino da Geografia. O mapa é visto como um recurso essencial para o professor assim como para o aluno, por isso, é evidente a extrema importância de se trabalhá-lo em sala de aula, pois, sabendo utilizá-lo promove um trabalho que discerne novos conhecimentos geográficos.

4.2 CARACTERÍSTICAS DOS MAPAS PRESENTES NO LIVRO DIDÁTICO ADOTADO PELO INSTITUTO EDUCACIONAL PROFESSORA MARIA DOS ANJOS:

O livro didático caracteriza-se por ser um suporte pedagógico para o aluno. Um instrumento de apoio essencial para o professor ensinar os conteúdos propostos no contexto escolar, sendo um instrumento norteador que atende as exigências dos conteúdos definidos para cada ano escolar. A própria LDB nº 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu artigo 4º, inciso VII faz menção aos programas de apoio ao material pedagógico: “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante garantia de atendimento do educando no Ensino

Fundamental, por meio de programas suplementares de material didático [...]” (BRASIL, 1996, p. 3).

Gérard e Roegiers (1998, p.19), definem o livro didático como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. A sua utilização deve também está correlacionada a outros modos materiais didáticos, onde estes serão definidos pelo professor mediante a temática proposta.

Nos dias atuais, leis, decretos e portarias específicas sobre a criação, utilização e disseminação dos livros didáticos estão sendo criadas e/ou atualizadas. Desse modo, percebe-se o quanto as escolas precisam estar na prática constante da procura de um bom material.

Especificamente este capítulo possui a tarefa de apresentar uma breve análise dos mapas contidos na coleção de livros do Ensino Fundamental II adotado pelo Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos, que possui duas unidades em João Pessoa-PB, uma no bairro do Geisel e a outra no Grotão. A coleção (modular) adotada pela escola é referente ao Sistema Maxi de Ensino que traz um conjunto de livros e orientações para os professores, que tem como elaborador o Professor Marcelo Anchieta Sardinha, o mesmo possui formação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina - PR e possui duas pós-graduações, uma em Metodologia de ensino-aprendizagem da Geografia no processo educativo e em Análise Ambiental. Observa-se que em todas as séries do ensino fundamental II são apresentados diversos mapas. Mas antes de descrever uma análise sobre eles é preciso saber como acontece a distribuição dos mapas nesses livros didáticos, para isto, elaborei um quadro demonstrativo no qual contempla os conteúdos e a média da presença de mapas. Importante ressaltar a análise foi com base nos livros do segundo semestre, visto que foi nesse período que estive presente na escola para realizar a pesquisa.

QUADRO 1

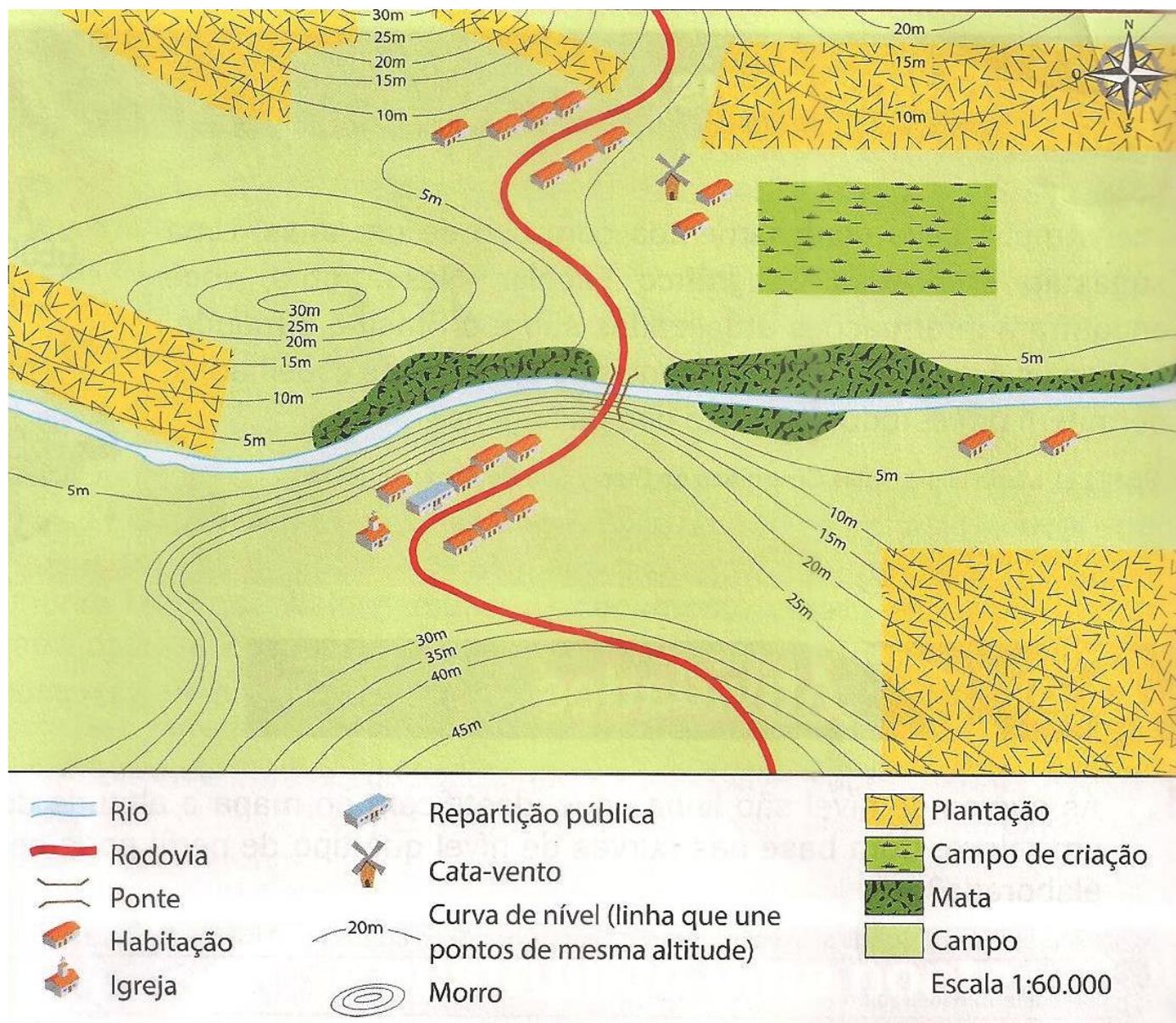
CONTEÚDOS DO 2º SEMESTRE DO INSTITUTO EDUCACIONAL PROFESSORA MARIA DOS ANJOS		
(Sistema Max de Ensino)		
ANO	CONTEÚDOS	PRESENÇA DE MAPAS
6º	- Navegação no mundo dos mapas;	9

	- A origem e composição da Terra; - Formas e agentes modeladores da Terra; - Água, fonte de vida e recurso econômico.	
7º	- A estrutura geológica e a forma do relevo brasileiro; - Os tipos de clima do Brasil; - A vegetação do Brasil; - A hidrografia brasileira.	14
8º	- A América Anglo-Saxônica (I): Os Estados Unidos da América e suas características socioeconômicas; - A América Anglo-Saxônica (II): O Canadá e suas características socioeconômicas.	12
9º	- Leste Asiático (II): Novos Países Industrializados; - Oceania: o novíssimo continente.	13

De modo geral, observe-se que os mapas estão bem representados na coleção e ao analisá-los percebi em cada livro do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) características específicas. De acordo com a análise realizada, posso relatar que de fato os mapas apresentados são adequados ao nível da série dos alunos, onde cada um foi elaborado para facilitar o conhecimento. O interessante é que em cada livro pode ser visto mapas com informações coerentes e os textos que os acompanham também colaboram para o entendimento do conteúdo.

No livro do 6º ano destaco a presença de mapas que apresentam legendas que exploram as cores e símbolos. Por se tratar do primeiro ano do Ensino Fundamental II, o primeiro capítulo relata a história e explica a importância da utilização dos mapas. O livro como um todo foi ilustrado com mapas simples, os quais demonstram o cuidado que se teve com o (a) leitor (a) alunado que irá utilizá-lo. O enfoque dado nas cores e símbolos diante dos conteúdos expostos reforça a ideia de adaptação, visto que é compreensível que nos anos seguintes eles terão contato com mapas que possuem informações mais complexas. A seguir, apresento dois exemplos desses mapas:

FIGURA 2: EXEMPLO DA UTILIZAÇÃO DOS SÍMBOLOS

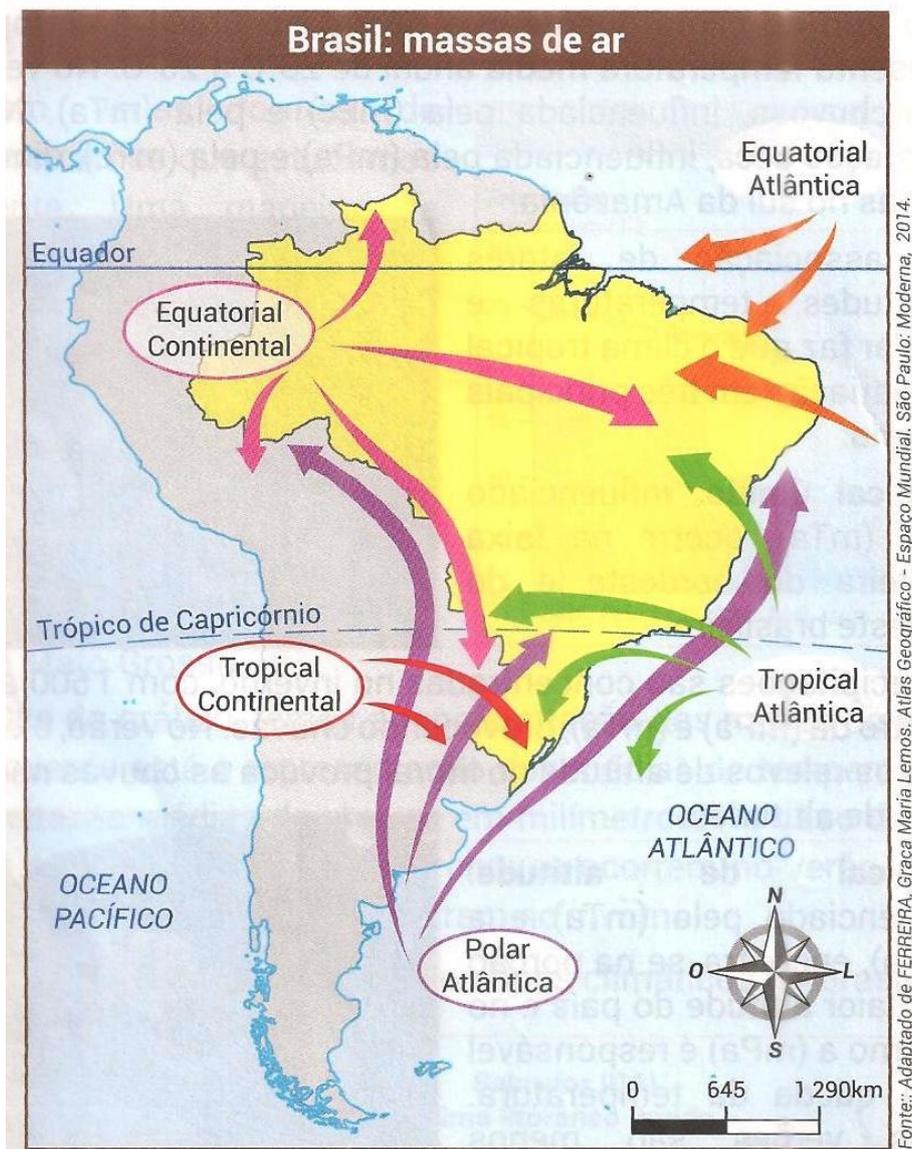


Fonte: Livro do 2º semestre do 6º ano do Sistema Maxi de Ensino.
 Extraído em: 08 de maio de 2016 de um exercício.

No livro do 7º ano destaco a presença de mapas que não necessariamente se presencia legendas, mas que mesmo assim não confundem o leitor. Em destaque, apresento ao mapa referente os tipos de massas de ar existentes no Brasil, ao invés de estar sendo referenciados em uma legenda, eles foram descritos no meio do território sul-americano. De fato, não é muito comum encontrar mapas nesse estilo, no entanto,

essa diferenciação não atrapalhou o entendimento do mesmo. Importante ressaltar que o texto presente neste conteúdo reforça o que está contido no mapa, cabendo apenas ao professor realizar o seu papel de orientador do fenômeno apresentado. Confira a seguir esse mapa:

FIGURA 3

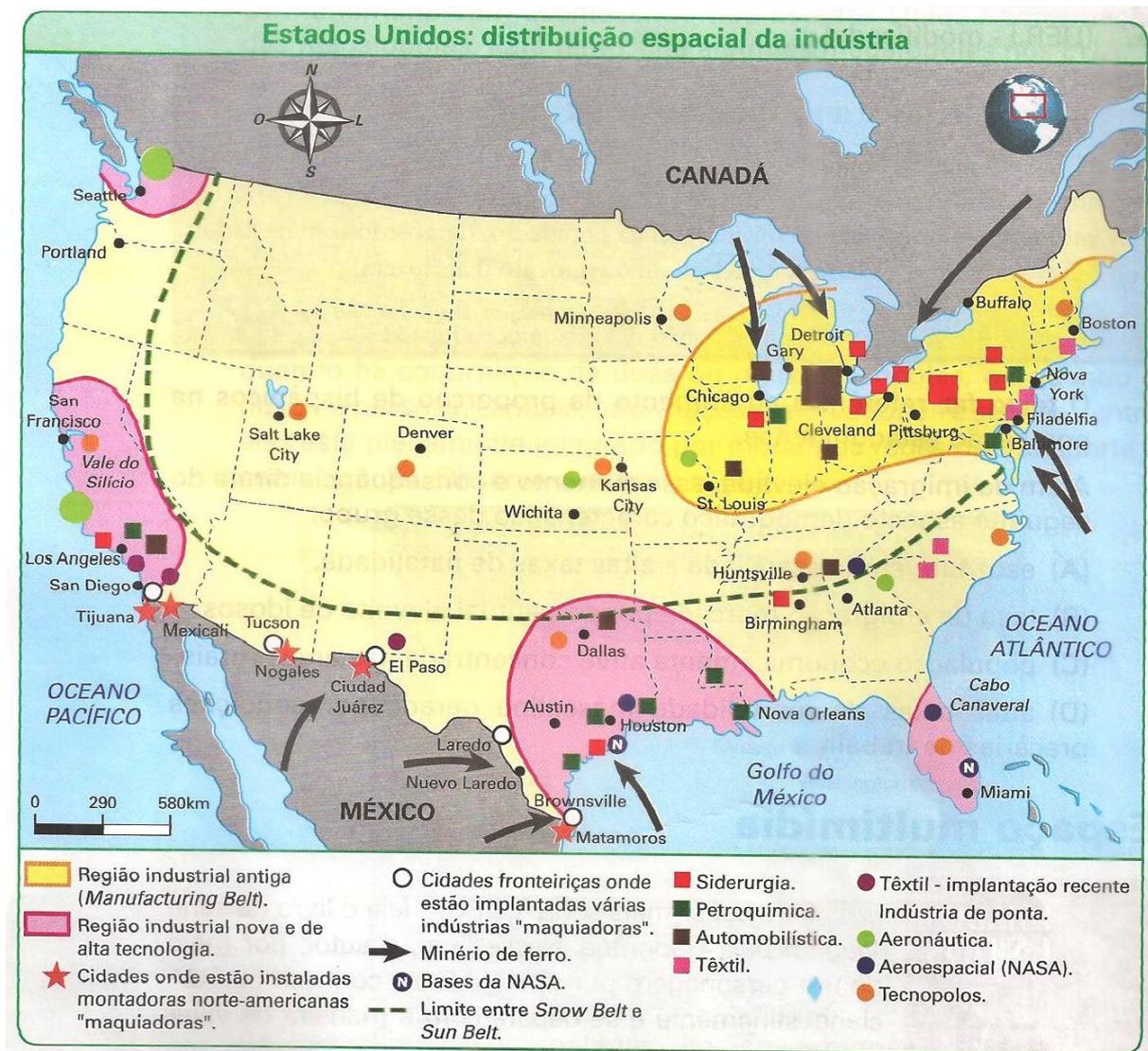


Fonte: Livro do 2º semestre do 7º ano do Sistema Maxi de Ensino.
Extraído em: 08 de maio de 2016.

No livro do 8º ano destaquei um mapa que considero complexo, porém, de fácil entendimento. O mesmo é riquíssimo em informações e a própria legenda demonstra esta variedade de conhecimentos. Por se tratar da distribuição espacial da indústria no

território dos Estados Unidos, o mapa expressa não somente as regiões de desenvolvimento, mas as cidades e suas respectivas produções. Ressalto que outros mapas contidos neste livro também possuem essa característica. Confira a seguir esse mapa:

FIGURA 4

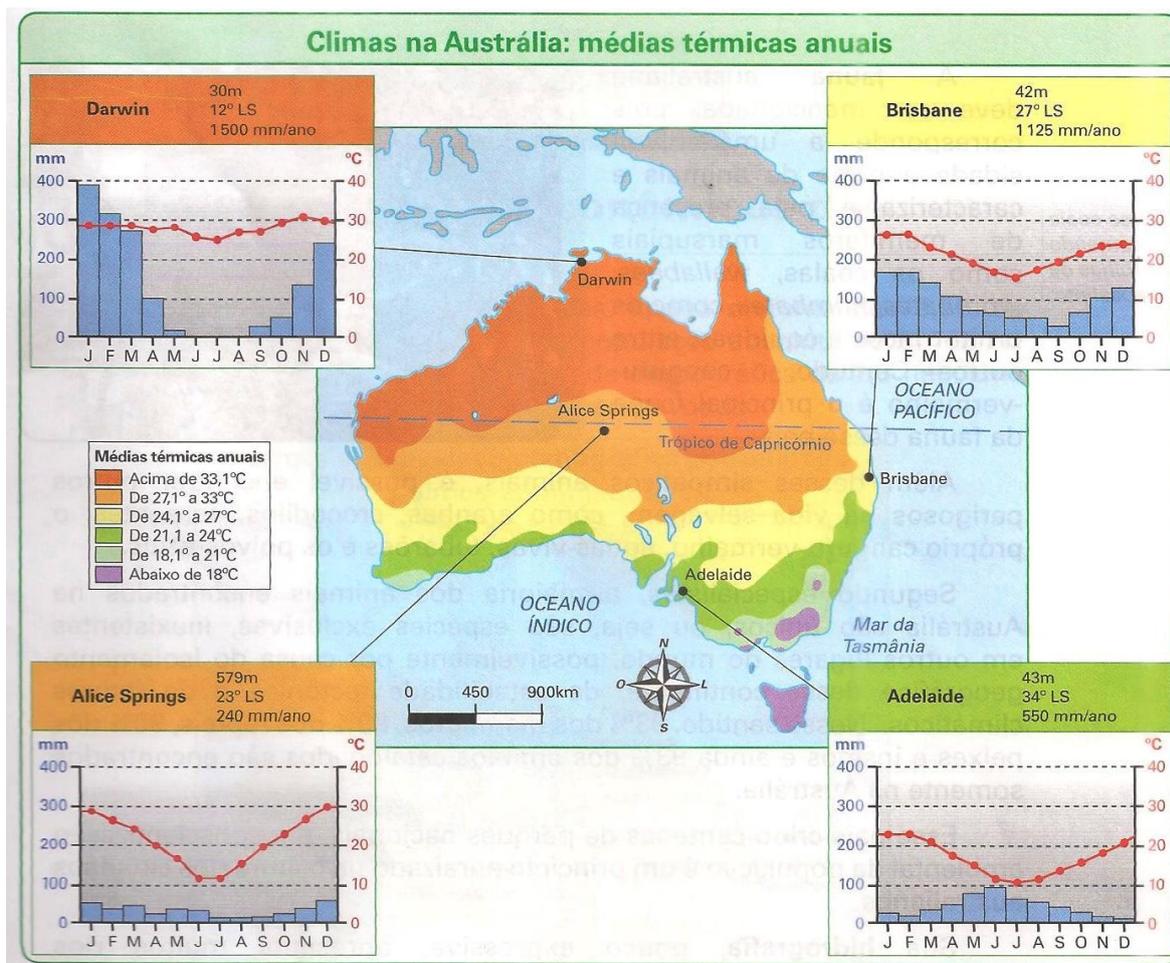


Fonte: Livro do 2º semestre do 8º ano do Sistema Maxi de Ensino.
Extraído em: 08 de maio de 2016.

No 9º ano destaquei um mapa que possui uma relação com gráficos. O mesmo apresenta as médias térmicas dos climas da Austrália com a exposição sobrepostas de

climogramas, que possuem a função de representar a dinâmica climática de uma dada região ao longo do ano. A meu ver, o elaborador poderia apenas ter referenciado as médias apenas na legenda, mas, no entanto, ele decidiu complementar as informações referentes aos climas de quatro cidades, utilizando assim a representação em climogramas. Observa-se que foi uma forma de estreitar os conhecimentos, pois além de demonstrar quais regiões possuem específicos climas, também é possível entender esse clima através da relação pluviométrica e as temperaturas de uma determinada localidade. Obviamente que essa forma de relacionar duas informações não é novidade, mas é compreensível que nem todos os autores pensam demonstrar dessa forma. Perceptível também que somente alguns conteúdos proporcionam esse método ilustrativo. Segue então o mapa:

FIGURA 5



Fonte: Livro do 2º semestre do 9º ano do Sistema Maxi de Ensino.

Extraído em: 08 de maio de 2016.

A partir da análise dos mapas realizada nesta Coleção pode-se verificar que os mesmos possuem características diversas, ou seja, mediante a cada conteúdo é perceptível mapas elaborados a fim de expressar o conhecimento necessário para aprendizagem do alunado. Observando os mapas demonstrados do 6º ano com os das séries seguintes percebe-se uma evolução de informações, ou seja, elementos são introduzidos para facilitar a compreensão dos mesmos.

Foi identificado que geralmente antes de cada mapa estão presentes abordagens introdutórias sobre suas informações e em algumas vezes faz-se necessário um complemento do conteúdo posteriormente a eles. Desse modo, percebe-se que não há comprometimento do assunto, porém cabe ao professor (a) realizar seu papel de transmitir o conteúdo da melhor forma possível mediante a sua metodologia adotada.

Em especial, destaco que nas páginas iniciais de cada livro possui um Manual do Professor que traz orientações de ensino para cada capítulo. Especificamente o livro do 9º ano é apresentado o mapa da divisão política da Ásia contendo espaços para serem completados a partir de um exercício apresentado em seu verso (ANEXOS 1 e 2). A proposta é que o professor realize fotocópias e instigue os alunos a realizarem a atividade. Isso demonstra o incentivo da utilização de atividades com mapas, mostrando o enfoque da importância da cartografia nos conteúdos de Geografia, tanto seja no que se refere ao aprendizado sobre localizações, assim como informações específicas como: divisão política, relevo, clima, economia, entre outros.

Importante citar também sobre os exercícios propostos presentes na coleção. Em muitos há a presença de mapas, o que reforça a necessidade de revisar o que foi visto no decorrer do conteúdo. No ANEXO 3 apresento duas questões referentes ao livro do 7º ano, sendo estas referência do conteúdo “Os tipos de clima no Brasil”. Para respondê-las, o alunado precisa ter conhecimento de teorias estudadas no decorrer do capítulo e ao mesmo tempo compreender como ocorre a dinâmica das massas de ar no território brasileiro.

De modo geral, é perceptível que a Coleção analisada possui um enfoque em mapas, visto que está presente em todos os seus capítulos, seja no decorrer do conteúdo, assim como nos exercícios propostos. Mas não basta apenas a sua presença, mas que o professor tome posse desses conteúdos e os exponham da melhor forma. Lembrando que o livro didático é apenas um dos recursos capaz de propiciar condições de ministrar

um ensino de qualidade. O professor deve ser um constante investigador estando a procura das inúmeras possibilidades para que o seu ensino seja significativo, mesmo diante dos obstáculos diários presentes em um contexto escolar. Com relação as dificuldades vivenciadas pelo professor e sua relação com a utilização do livro didático, veja o que exprime Soares (2002, p. 2):

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, freqüentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apóia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino.

O livro didático é visto como referencial, mas como já foi citado neste capítulo é preciso que seja bem conduzido. Cada conteúdo possui sua especificidade com a presença ou não de mapas. É de suma importância que o professor observe se os mapas apresentam excesso ou falta de informação, pois dependendo de sua elaboração pode prejudicar no entendimento do conteúdo. Para Santos (2003) o professor é o mediador entre o aluno e o mapa, e o livro didático um norteador, neste grande processo de considerar a Cartografia algo além das figuras. Saber interpretar e relacionar o assunto com o cotidiano é fundamental, pois é dessa forma que o ensino se torna significativo. Compreender apenas os símbolos, cores e imagens presentes no mapa não demonstra domínio no estudo, é preciso que a linguagem e a metodologia que o professor adote estejam interligados para a eficácia de um ensino de qualidade. De acordo com Sampaio (2005, p. 17):

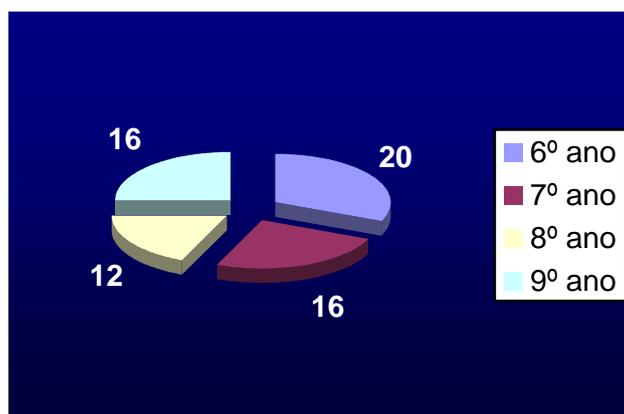
Não é fundamental que o aluno saiba ler um mapa apenas para localizar geograficamente um rio, um cidade, ou para saber que a Cordilheira dos Andes situa-se na porção Oeste da América do Sul, É preciso que ele saiba tecer interpretações e análises sobre o mapa.

Em suma, é importante a presença dos mapas no contexto escolar, seja nos livros ou através de cartazes, pois quando são bem direcionados eles colaboram na formação dos indivíduos, tornando-os capazes de estabelecerem relações sociais, sendo cidadãos conscientes dos diversos contextos existentes.

5. REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS

Esse capítulo tem por objetivo relatar os dados da pesquisa realizada no Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos, localizada no bairro do Grotão na cidade de João Pessoa - PB. Foram realizadas duas modalidades de entrevistas, uma com o corpo discente do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) composto por 64 (sessenta e quatro) alunos e outra com o professor que rege as aulas de geografia na escola. Logo abaixo apresento o gráfico da quantidade de participantes e por seguinte, em forma de tópicos, podemos observar os resultados obtidos:

**GRÁFICO 1:
QUANTIDADE DE ALUNOS ENTREVISTADOS**



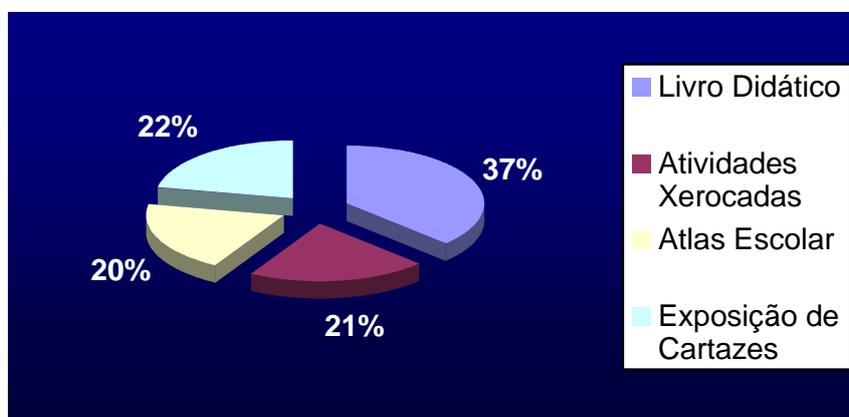
Organizador: Williams Silva

5.1. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS APLICADAS AOS ALUNOS

Nesta entrevista os alunos tiveram a oportunidade de expressar quando tiveram contato com os primeiros mapas, a utilização deles no cotidiano escolar, seja através do livro didático, assim como na aplicabilidade do (a) professor (a) de Geografia na exposição dos conteúdos, nos exercícios e avaliações realizadas e também tiveram a oportunidade de relatarem qual o grau de importância da utilizar mapas no ensino de Geografia, além de realizarem um exercício prático sobre localização com a utilização de um mapa-mundi.

Inicialmente foi perguntado quando eles tiveram os primeiros contatos com mapas e por unanimidade todos responderam que foi no Ensino Fundamental I. Em seguida eles escolheram uma alternativa que possibilitava retratar o a sua convivência no cotidiano escolar com mapas, tendo a possibilidade de assinalarem mais de uma opção se assim conviesse. O resultado foi de certo modo equilibrado, mas tendo a predominância do livro didático como principal fonte. Confira no gráfico que segue:

GRÁFICO 2:
MATERIAIS DIDÁTICOS QUE CONTÊM MAPAS UTILIZADOS
NO COTIDIANO ESCOLAR



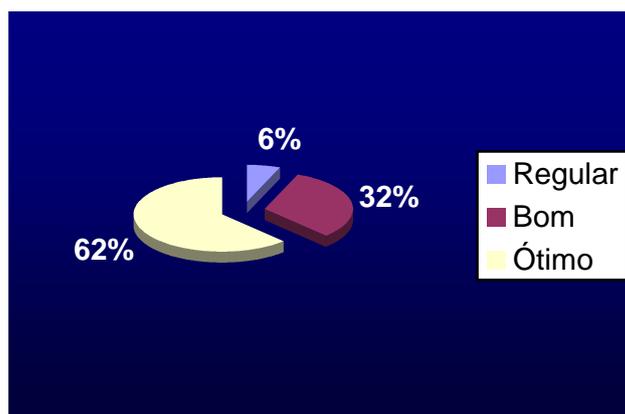
Organizador: Williams Silva

Uma questão bastante importante se tratava sobre o livro didático adotado pela escola, se o mesmo é composto por mapas com informações fáceis, sendo possível compreendê-los e ainda com a presença de suas devidas legendas, independente da colaboração do professor ou não. As alternativas para assinalarem foram opostas, ou assinalavam quase nunca ou então que sempre apresentam. E como predominância a opção que os mapas apresentam suas devidas legendas sendo contemplado também com textos explicativos foi de 89%. Isso demonstra a importância de se ter um material que colabore no aprendizado do aluno. Dessa forma, percebe-se no alunado uma visão do livro didático como um colaborar no processo de aprendizagem, estando presente um elo de entendimento entre os textos e os mapas expostos. Reforça-se então a importância do livro didático apresentar uma sintonia com os conteúdos propostos. Nesse entendimento, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 340) afirmam que

na Geografia, as representações gráficas e cartográficas são extremamente importantes na ampliação de conhecimentos espaciais tanto do cotidiano dos estudantes como de lugares distantes, sobretudo na atualidade, com o processo de globalização em curso. Assim, gráficos e cartogramas devem interagir com os textos, completando-os ou até mesmo servindo para a organização pedagógica de suas aulas. Não se pode estudar Geografia sem essas linguagens.

No entanto, para relacionar esse ponto positivo referente ao livro didático, a pergunta seguinte da entrevista corresponde justamente à relação ao domínio/clareza do professor de geografia quando expõe conteúdos que apresentam mapas. Vejamos o resultado obtido:

GRÁFICO 3:
CONTEÚDOS MINISTRADOS COM A UTILIZAÇÃO DE MAPAS



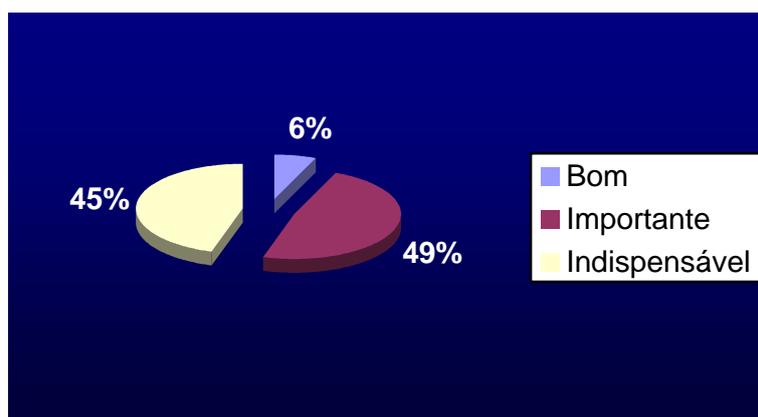
Organizador: Williams Silva

Observa-se que a maior parte dos alunos considera o ensino do professor de Geografia “Ótimo”, que o mesmo possui um ensino de fácil compreensão, não gerando dúvidas no conteúdo. No entanto, é importante ter um olhar na porcentagem equivalente a segunda posição definida como “Bom”, que por sua vez, apresentando 32% demonstra que uma boa parcela dos alunos acreditam que é preciso melhorar, que nem sempre as explicações com mapas são bem realizadas. Isso nos remete a reflexão da importância do professor possui uma boa didática em sala de aula, que consiga transmitir para o seu alunado um ensino esclarecedor, que proporcione bons entendimentos no decorrer das aulas e principalmente que consiga instruir sujeitos críticos do que está sendo abordado.

Nesse aspecto, compreende-se que para que um aluno possua o mínimo de dificuldade em seu aprendizado é preciso que o professor esteja disposto elaborar um plano de aula contendo os melhores métodos para a prática do ensino proposto. Nesse entendimento, Gil (1997, p. 109) considera que os métodos e técnicas de ensino servem para “[...] conduzir o estudante a integrar no seu comportamento, conhecimentos, técnicas, habilidades, hábitos e atitudes que hão de enriquecer a sua personalidade”. Não basta ensinar por ensinar, é preciso estar disposto a realizar o melhor. Mesmo diante das dificuldades o importante é desempenhar o papel de educador o mais eficaz possível.

Dentre todas as perguntas realizadas, uma possui uma característica bem especial, que se trata da exposição de opinião individual dos alunos no que se refere ao grau de importância que eles tem em relação a utilização de mapas no ensino da Geografia. Inicialmente eles tiveram que assinalar se consideram “bom, importante ou indispensável” e logo em seguida justificar a resposta. Vejamos a seguir:

GRÁFICO 4:
GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO PELOS ALUNOS
NA UTILIZAÇÃO DE MAPAS



Organizador: Williams Silva

Observa-se que boa parte dos alunos possuem uma opinião positiva com relação a utilização de mapas, o que ressalta o entendimento de que os mapas colaboram no aprendizado do ensino da geografia. O papel do professor nesse processo de utilização de mapas em sala de aula é de suma importância, pois a interação estabelecida é o que

vai proporcionar ao corpo discente formar uma opinião referente aos mapas. No momento em que se utilizam mapas, faz-se necessário que os alunos tenham assistência, é nesse momento que o professor assume o papel de orientador/esclarecedor do conteúdo, para que as dúvidas sejam as mínimas possíveis. De acordo Almeida (2008), o mapa é um instrumento na mão do professor; é um modelo da realidade que ele aplicará e adaptará às diversas situações e necessidades que se apresentarem durante as suas aulas, durante as suas relações didáticas com os alunos.

Por isso, observa-se o cuidado que o professor deve ter no ensino com mapas. Sua maneira de expor os conteúdos e os exercícios propostos devem possuir coerência aos objetivos da unidade trabalhada. Desse modo, a eficácia no ensino de fato acontece, levando ao alunado o querer na busca de avançar em seu aprendizado.

Como justificativas relatadas pelos entrevistados, apresento a seguir seis depoimentos que expõem a opinião referente a importância do uso do mapa no processo ensino-aprendizagem:

1º - “Porque nós ficamos mais informados, sabendo mais daquele assunto, tem vezes que é indispensável”. (13 anos)

2º - “Porque ajuda na localização e porque para mim é a base da geografia. Com eles podemos ver as formas de relevo, o clima e etc”. (12 anos)

3º - “Porque é mais fácil de compreender com uma imagem e o cérebro capta mais fácil a mensagem quando há uma imagem para explicar melhor, para eu possa visualizar”. (13 anos)

4º - Acho importante pois para um melhor entendimento e para observarmos e termos uma noção melhor onde fica, como é a região e etc”. (14 anos)

5º - “É indispensável, pois podemos aperfeiçoar nossos conhecimentos para melhorar a qualidade do ensino, conhecermos o mundo exterior e ajudar na localização, horário, pois sempre utilizamos no cotidiano”. (13 anos)

6º - “O uso de mapas é indispensável, pois facilita nosso entendimento, com o uso de legendas informativas que podem auxiliar nosso estudo tornando-o mais fácil o entendimento. (Tássia - 11 anos)

As respostas expressam a opinião da maioria dos alunos com relação aos mapas no contexto escolar. Observa-se o grau de importância de tê-los como recurso didático nas aulas de Geografia. Desse modo, o ensino de Geografia quando bem direcionada, possibilita ao aluno a compreensão da relação das informações com a realidade vivenciada, assim nos diz VLACH (1989).

Partindo para uma visão de uma análise mais prática, podemos destacar que a essência dos mapas é apresentar as localizações de um determinado território, sendo assim um instrumento de conhecimento do espaço, propiciando aos envolvidos um processo de análise do que está sendo representado com o seu cotidiano, se por sua vez tiver a orientação de um docente, sendo este, um mediador dos conhecimentos.

Desse modo, o processo de leitura dos mapas precisa ser direcionado da melhor forma possível. A possibilidade da leitura dos elementos representados e principalmente entendê-los precisa inicialmente que os alunos saibam dominar a compreensão da decodificação dos signos e conseqüentemente de seus significados, seja em relação aos aspectos físicos, sociais, históricos etc.

Como forma de conhecer o nível de conhecimento referente à identificação dos elementos presentes em um mapa, em especial ao que se trata da localização das informações, foi realizada uma atividade contendo uma questão que continha um mapa-mundi e a partir dele, os 64 (sessenta e quatro) alunos responderam as alternativas apresentadas (APÊNDICE 1). E para melhor compreender a análise das respostas obtidas optei por explicitar os resultados por meio de quadros demonstrativos onde constam as perguntas feitas e as respostas obtidas.

QUADRO 2: PERGUNTA “A”

Quais linhas imaginárias cortam o território brasileiro?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Citar as linhas “Equador e Trópico de Capricórnio”, pois mesmo	53	Comprova-se que de fato eles sabem localizar o país em que

estando seus nomes citados no mapa, os alunos precisavam demonstrar que sabiam onde se localiza o Brasil.		eles vivem, em relação às coordenadas geográficas.
---	--	--

QUADRO 3: PERGUNTA “B”

O continente americano classifica-se como o segundo maior continente em sua extensão territorial. Escreva quais são os oceanos que o banham:		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Identificar dentre os continentes presentes no mapa, qual é o americano, para conseqüentemente citar os oceanos: Atlântico e Pacífico.	54	Percebe-se que boa parte dos alunos sabem identificar o continente americano, acertando conseqüentemente os oceanos que o banha.

Mediante ao êxito das respostas acima demonstra-se que boa parte dos alunos possuem o conhecimento da localização do Brasil, no entanto, possivelmente a tenha sido fácil identificar o continente americano, justamente por saber onde se localiza o território brasileiro, pois em alternativas posteriores que necessitou identificar outros continentes, a deficiência foi maior, mas vejamos essa situação logo em breve. Vejamos a seguir a alternativa C que traz um pouco dessa compreensão:

QUADRO 4: PERGUNTA “C”

O círculo polar Antártico está presente mais próximo a qual continente?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Citar que se trata da Antártica.	10	Mostra-se que poucos sabem identificar a Antártica. Mesmo neste exercício sendo fácil localizar o Círculo Polar Antártico por estar denominado, não obtiveram êxito igual às questões anteriores, por não terem sobre ele a mesma necessidade de conhecimento.

Observa-se mediante do que foi analisada a deficiência de identificar o continente Antártico. Possivelmente isso decorre por causa da falta de costume em citar

e/ou referenciar continentes que não possuem relação direta com o nosso cotidiano. Infelizmente isso ocorre no processo de ensino-aprendizagem, mas podendo ser melhorado. Cabe ao professor proporcionar esse momento da expansão de conhecimentos, na prática de estar sempre referenciando outros territórios, mesmo estes não possuindo uma relação estreita com a localidade em que se vive.

QUADRO 5: PERGUNTA “D”

Marque a alternativa que corresponde a localização: 20° S e 30° L: () Norte da América do Sul () Região Sul da África () Oceano Índico		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Assinalar a opção “Região Sul da África”.	36	A quantidade de acertos foi bem expressiva, mesmo partindo do entendimento que geralmente quando se propõe exercícios de graus assim como fusos horários seja uma dificuldade para muitos.

As respostas dessa alternativa demonstram que o ensino referente a localização dos graus foi bem direcionado. Constatar que mais de 50% do alunado soube identificar a localização é de certo modo significativa, pois nos assuntos subsequentes, por exemplo, os “fusos horários”, que precisará identificar os graus de determinadas localidades, a dificuldade será menor.

QUADRO 6: PERGUNTA “E”

A Zona Polar do Ártico está próxima a que continentes?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Espera-se que seja citado os continentes Americano e Europeu.	6	Infelizmente, assim como na alternativa “C” onde não souberam identificar os continentes solicitados.

Nesta alternativa, percebe-se que se repete a dificuldade apresentada na alternativa “C”. A possível falta de explicação e/ou pela ausência de exercícios que remetem a continentes que não sejam propriamente a que moramos, faz com que se

constate dificuldades na resposta de algumas questões. Porém, neste caso em específico, até o continente americano não foi citado, possivelmente devido a falta de seu reconhecimento como um todo, visto que o mesmo se expande até áreas próximas a Zona Polar do Ártico.

QUADRO 7: PERGUNTA “F”

Quais continentes são cortados pelo Trópico de Capricórnio?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Espera-se que respondam os continentes: América, África e Oceania.	18	Mesmo sendo fácil a localização do Trópico, por estar denominado no mapa, a dificuldade de saber o nome dos continentes prevaleceu.

Em mais uma pergunta foi constatado a dificuldade de identificar os continentes. Mesmo a linha do Trópico de Capricórnio estando com seu devido nome, o conhecimento referente à localização dos continentes é de fato ineficiente.

QUADRO 8: PERGUNTA “G”

Qual oceano apresenta-se tanto no hemisfério Oeste como no Leste?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Espera-se que respondam que se trata do Oceano Pacífico.	32	Mostra-se que 50% acertaram a alternativa. No entanto, percebe-se que a alternativa não é difícil de respondê-la, até porque no mapa o Oceano Pacífico é denominado duas vezes.

Nesta alternativa, percebe-se que existe uma dificuldade de identificar o oceano pode ter partido da falta do conhecimento do que se trata o hemisfério oeste e hemisfério leste, pois como o próprio mapa deixa bem claro que o oceano aparece duas vezes, devido estar nomeado.

QUADRO 9: PERGUNTA “H”

A Linha do Equador é referência na divisão dos hemisférios Norte e Sul. Escreva a sua localidade em graus e de acordo com o mapa apresentado cite quantos meridianos ele ultrapassa:		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Espera-se que respondam que a Linha do Equador está localizado em 0° C e que de acordo com o mapa mostrado, ele ultrapassa 11 meridianos.	47	Demonstra-se que boa parte sabe identificar o grau da linha imaginária solicitada, assim como uma boa parte dos alunos compreendem do que se trata os meridianos.

No ensino de Geografia sabemos que a Linha do Equador é bem citada, assim como o meridiano de Greenwich. Dessa forma, a sua localização em um mapa por muitas vezes pode ser imediata o que pode propiciar respostas corretas sobre ela.

QUADRO 10: PERGUNTA “I”

É quase imperceptível a divisão política da Europa. Isso ocorre por ele estar bem próximo a outro continente. Qual continente é esse?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Espera-se que respondam dizendo que se trata da Ásia.	30	Quase metade conseguiu acertar a alternativa, no entanto, mais uma vez percebe-se a dificuldade de identificar um continente.

QUADRO 11: PERGUNTA “J”

Os oceanos estão presentes em cerca de 70% da superfície do planeta. Qual deles é o mais extenso?		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
A expectativa é que respondam: Oceano Pacífico.	48	Um número bem significativo pode ser constatado nessa alternativa, o que contradiz o resultado obtido pelas respostas da letra “G”, pois não deixa de ser a mesma pergunta só que

		elaborada de maneira diferente.
--	--	---------------------------------

O mais interessante nessa questão é que o resultado comprova o que foi deduzido na alternativa “G”. O oceano mais extenso é logicamente o que está localizado no hemisfério oeste e leste, mas porque somente nesta alternativa a maioria soube responder corretamente? O que se pode perceber é que de fato que boa parte dos alunos não sabem do que se trata os hemisférios oeste e leste. Por não saberem identificá-los, conseqüentemente não souberam dizer que se trata do oceano Pacífico.

QUADRO 12: PERGUNTA “K”

A Oceania é um continente diferenciado por ser composto por vários grupos de ilhas. A sua localização está mais presente no hemisfério Norte ou Sul? Justifique a sua resposta:		
EXPECTATIVA DA RESPOSTA	QUANTIDADE DE ACERTOS	ANÁLISE
Espera-se que respondam que se localiza no Hemisfério Sul. A justificativa pode ser escrita de vários modos, sendo que eles relatem pontos de localização mais próximo dele, por exemplo: localizado próximo a Ásia ou porque por ela ultrapassa o Trópico de Capricórnio.	32	O quantitativo de acertos foi equilibrado, ou seja, metade dos alunos conseguiu acertar. Mostra-se mais uma vez uma determinada limitação quando se trata de referenciar um continente.

Diante das respostas obtidas na atividade aplicada, observa-se que a utilização de mapas no contexto escolar pesquisado precisa ser melhorado. Alguns pontos específicos são fáceis para responder, já outros faz-se necessário um reforço no ensino. No entanto, tendo uma visão mais ampla, os resultados foram satisfatórios. Fazer com que o corpo discente possua um nível elevado de entendimento acerca dos mapas, partirá do esforço do professor, sendo este, o sujeito mediador do conhecimento, por meio de técnicas e métodos necessários para a realização de uma aprendizagem significativa.

Partindo para a discussão da importância de se realizar um bom trabalho pedagógico que proporcione a compreensão de uma linguagem cartográfica, é preciso compreender que esse processo é gradativo, por meio de atividades realizadas pelo professor. Assim nos diz GENTILE (2002):

“Para saber interpretar cartas geográficas e ser capaz de produzir representações próprias, do espaço, são habilidades que todo o aluno que terminou o ensino fundamental deveria ter no entanto, para realizar tais tarefas com desenvoltura é necessário uma série de conhecimentos que são adquiridos num processo de alfabetização que envolve linhas, cores e formas”.

Compreendendo o papel do professor como fundamental no contexto escolar, além de realizar uma entrevista com os alunos foi também realizada uma entrevista com o professor de Geografia da escola. Seis questionamentos foram elaborados para que ele pudesse expor suas ideias sobre diversos aspectos, partindo inicialmente sobre sua formação acadêmica, sua opinião sobre a utilização de mapas em sala de aula, assim como uma análise dos alunos quando possuem contato com atividades que constem mapas, sejam através do livro didático ou por meio de exercícios impressos. Vejamos no tópico que segue que traz essa discussão.

5.2. RESULTADO DA ENTREVISTA APLICADA COM O PROFESSOR

Neste tópico serão expostas as opiniões do professor de Geografia da escola em que a pesquisa desse trabalho foi realizada. Importante ressaltar que ele preferiu não se identificar, mesmo assim, se prontificou a colaborar com a pesquisa. Inicialmente, foi perguntado se ele teve no processo acadêmico de sua formação um momento específico para o estudo de mapas. Para a minha surpresa, o mesmo relata que a disciplina “Cartografia” presente em sua grade curricular foi ineficiente, considerando assim que teve uma aprendizagem que de fato ficou a desejar. Ele reforça que o pouco há mais que ele aprendeu é decorrente ao estudo contínuo de outras fontes, pois estando atuando em sala de aula se faz necessária a busca do conhecimento.

Ao perguntar se em sala de aula ele utiliza frequentemente mapas e se a escola incentiva a utilização deles, ambas as respostas foram bem objetivas, apenas tem como material didático os mapas do Brasil e Mundi para utilizá-los quando preciso. Ele relata que não os utiliza cotidianamente e que a escola também não incentiva. O manuseio de mapas dar-se-á principalmente por meio do livro didático e em algumas vezes através de atividades impressas. Desse modo, percebe-se a limitação de sua utilização, nos

remetendo ao entendimento do porque da dificuldade de uma parte do alunado constatado na análise do exercício aplicado. No entanto, esse questionamento é de certo modo delicado de discutir, visto que, sabermos que o livro didático deve, sobretudo, fazer com que o estudante compreenda a importância de aprender Geografia. E ao tratarmos de mapas, essa definição vai mais além, ou seja, é preciso que o professor mesmo que possua poucos recursos e/ou possibilidades de ensinar determinados conteúdos, ele deve tomar como posso o que possui em mãos e a partir dele fazer com que o aprendizado aconteça, mesmo diante das limitações que perduram em todo o processo de ensino.

E partindo para essa discussão com relação ao livro didático, foi perguntando se os mapas presentes no livro adotado pela escola são de fácil compreensão e se ele observa alguma dificuldade nos alunos com relação a interpretação dos mesmos. E assim como foram as respostas dos alunos, ele relata que os livros apresentam mapas em todos os conteúdos, no entanto, com relação a interpretação a dificuldade é relativa, ou seja, em cada sala existem alunos que de fato demoram a compreender, e quando isso ocorre, faz-se necessário repetir a explicação quantas vezes forem necessárias. Ele ressalta que a ajuda dos colegas que aprendem com facilidade é uma boa ajuda, pois eles mesmos se propõem para colaborar no aprendizado dos demais, isso ocorre principalmente quando está realizando uma atividade xerocada, a socialização de saberes é um fator de grande importância na aquisição do aprendizado necessário.

Dando continuidade, foi perguntado sobre se no decorrer do ano ele encontra disponibilidade para participar de eventos acadêmicos em busca de novos conhecimentos. Ele descreve que raramente, justificando-se na falta de tempo, devido a necessidade de lecionar os dois turnos e assim ficando limitado na participação de encontros, seminários, congressos e etc. Porém, ele complementa dizendo que procura estar atualizado nas mudanças e/ou evoluções dos conceitos presentes na Geografia, mas reconhece que poderia doar-se mais.

Mediante a discussão da necessidade de atualizar-se, observa-se que a formação docente dar-se por meio de aquisição de informações científicas, didáticas e também psicopedagógicas, principalmente no que se refere à prática educativa do professor, tendo uma compreensão de uma base crítica de sua atuação. Sobre esta compreensão, Imbernón (2001 p.48-49), afirma que

a formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes.

O professor precisa ter a consciência de que o importante não é apenas aprender, mas principalmente colocar em prática os conhecimentos adquiridos. A cada novo aprendizado em execução deve-se promover o aperfeiçoamento profissional e através desses, o professor pode observar os pontos positivos e/ou negativos mediante o exercício dessas novas experiências.

Por último, foi perguntado quais os autores que ele tem como referências em sua base profissional. Ele relata que gosta muito das referências de José de Sousa Martins, Josué de Castro e Milton Santos, justificando por todos possuírem uma linguagem fácil de compreensão.

Percebe-se que mesmo compreendendo que a Geografia é uma ciência dinâmica, a figura do professor é de grande importância no contexto educacional – o que é inquestionável – na promoção diária do diálogo dos saberes o aprendizado acontece de diversas formas, basta que o discente defina quais estratégias utilizará para a realização do ensino da leitura cartográfica e demais conteúdos geográficos. Quanto mais os professores estiverem preparados, melhores serão os resultados da aprendizagem dos alunos. Assim, se

(...) o professor concebe a Geografia, como uma disciplina que tem por função descrever lugares, o uso que se fará do mapa possivelmente será o de mera localização e haverá maior ênfase na realização de descrições. Por outro lado, se o docente concebe a Geografia como uma disciplina que tem por função ensinar ou contribuir para que o aluno entenda melhor as territorializações produzidas pelos homens, o uso que se fará do mapa possivelmente será outro, pois apesar de ser utilizado enquanto meio de orientação e localização, poderá também ser utilizado enquanto recurso que pode encetar análises e explicações geográficas da realidade mapeada. (KATUTA, 2000, p.6)

Em suma, o processo de ação-reflexão-ação do professor deve ser contínuo, por meio de uma ação pedagógica, através da posse e construção de novas teorias, em uma prática flexível aos desafios que aparecem no cotidiano da escolar. Diante disso, o cumprimento das exigências que a profissão impõe, deve ser realizada como forma de potencializar os saberes já existentes por meio de uma qualidade pedagógica, seja através da utilização de recursos didáticos, seja por meio de aperfeiçoamento profissional e utilização de novos métodos a fim de promover a eficácia do ensino.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho como um todo trouxe a reflexão sobre a leitura e interpretação cartográfica no contexto escolar do Ensino Fundamental II no Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos. Em seu contexto, foi discutido por inúmeras vezes sobre o contato com mapas, compreendendo como uma ferramenta indispensável para que aconteça o aprendizado interpretativo sobre diversas realidades, especialmente ao que se refere ao contexto social dos alunos participantes na pesquisa.

As reflexões aqui traçadas formam um conjunto de ideias relevantes não somente relacionadas ao aprendizado dos alunos envolvidos, mas também em relação a formação e a atuação do professor. São contribuições que nos proporciona a reflexão do processo ensino-aprendizagem e em especial, quando relacionamos com a utilização de mapas observa-se o cuidado que se teve ter ao manuseá-los. Inicialmente, partindo de sua exposição, seja no livro didático ou por meio de cartazes, por seguinte através da explicação do professor e por fim na execução de exercícios propostos. Todo o processo educacional deve estar interligado aos conceitos apresentados e estes relacionados com a realidade espacial dos envolvidos, ou seja, contribuindo com a percepção do entendimento das escalas espaço-temporais de seu próprio contexto vivido.

A partir de uma concepção mais ampla, constatamos neste trabalho que o mapa é de fato um poderoso instrumento de comunicação precisando ter um processo de leitura bem orientado, se não pode ocasionar a perda de todo o sentido da relação mapa e usuário. O espaço escolar deve ser um espaço que contemple não somente a aprendizagem dos conteúdos de Geografia, mas onde todos possam estar em constante relação de saberes. É o conjunto que proporciona a eficácia do ensino e assim colabore diretamente na vida do aluno.

As discussões e reflexões aqui apresentadas, desde as fontes bibliográficas até o momento das entrevistas que contemplou as séries do 6º ao 9º ano reforçam a importância que seja dada condições para o alunado ter acesso a um material de qualidade, assim como sobre a necessidade do professor estar proporcionando novas metodologias de ensino, ambos com um único objetivo, o de constituir um espaço de real aprendizado. Partindo do princípio que nas aulas de Geografia é importante estar em contato com mapas, apresento uma consideração bastante pertinente de Simielli (1999, p. 108):

“Devemos e podemos usar cada vez mais a cartografia em nossas aulas, pois ela facilita a leitura de informações para os alunos e permite um domínio do espaço de que só os alfabetizados cartograficamente podem usufruir”.

Dessa forma, observa-se a Cartografia como um dos elementos que não deve de modo nenhum estar excluída do livro didático de Geografia. Por isso, desde que ficou definido que este trabalho seria abordado o tema da importância da utilização de mapas como recurso didático, a proposta era justamente trazer a visão dos que estão inseridos nesse processo. Como eles observam a presença dos mapas no livro? Se existe compreensão quando há explicação do professor? Contemplando também qual o nível de interpretação de determinadas informações por meio de um exercício.

Diante de tudo que foi exposto e desenvolvido verificou-se que a utilização de mapas no ensino de geografia é de fundamental importância, sendo uma ferramenta indispensável ao professor e que de fato devem estar presentes não somente no Ensino Fundamental II, mas desde o início da formação escolar. As respostas obtidas pelos alunos mostram que dificuldades existem, mas quando os mapas são contemplados com informações claras e quando o professor se faz presente nesse processo de aprendizagem, acontece uma aprendizagem significativa.

As respostas obtidas pelo professor são fundamentais para perceber que mesmo diante das dificuldades, ou seja, a limitação de materiais e/ou falta de incentivo por parte da instituição é possível promover um ensino de qualidade, mas é necessário reforçar que o interesse deve partir também do alunado, sem estudo, dedicação à execução das atividades não há como o aprendizado acontecer.

De modo geral, este trabalho deseja promover a discussão da importância de uma educação geográfica de qualidade. Partindo da temática sobre os mapas e sua utilização no contexto escolar, observa-se mesmo eles estando presentes desde a antiguidade, sempre foi necessário o seu manuseio. Por meio deles é possível compreender diversos contextos, alguns mais amplos, outros mais específicos. A prática diária da educação contempla diversos momentos, principalmente o da relação professor-aluno em sala de aula, por isso, a melhor maneira de propiciar um ambiente escolar agradável para a aprendizagem é inicialmente tendo a consciência da necessidade de ensinar não somente para aprender um determinado conteúdo, mas ensinar para promover uma educação social, devendo o ensino contemplar um

aprendizado próprio em junção com os demais campos do saber científico, mas também dos saberes populares de modo que se eduque para a vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin (org.) **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALVES, André Luiz Farias; TONINI, Ivaine Maria. **Práticas Pedagógicas de Geografia: Caminhos Percorridos em outros Horizontes**. In: X Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009. p. 1.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional – LDB**. Centro de documentação do Congresso Nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, p.27, 1998.
- CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: Unijuí, 2000.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 11-22.
- _____, **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 3 ed. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2000.
- _____, Ensino de Geografia: **Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação. 2ª ed., 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- _____, **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- DUARTE, P. A. **Cartografia Temática**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1991.
- GENTILE, P. O tesouro nos mapas: **a cartografia nos permite ler e interpretar a realidade e pode entrar no currículo desde a Educação Infantil, com brincadeiras e jogos**. Revista Nova Escola, São Paulo, ed. 150, março 2002.
- GÉRARD, F.-M, ROEGIERS, X. (1993) - **Concevoir et évaluer des manuels scolaires**. Bruxelas. De Boeck-Wesmail (tradução Portuguesa de Júlia Ferreira e de Helena Peralta, Porto: 1998).
- GIL, A. C. **Metodologia do Ensino Superior**. 3 ed, São Paulo: Atlas, 1997.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: **formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia é nosso dia-a-dia** In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). Geografia em sala de aula. Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, 1999.

KATUTA, A. M. **O Ensino e aprendizagem das noções, habilidade e conceitos de orientação e localização geográficas: algumas reflexões**. Revista do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, no 01, p. 05-24, 2000.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LONGO, Valéria Aparecida Anti. Monografia: **A história da Cartografia e suas contribuições para a linguagem cartográfica nas séries do ensino fundamental**. Presidente Prudente, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC / SEF, 2001, p. 118.

OLIVEIRA, A. U. de. **Situação e tendência da geografia**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese (doutorado) – IGEOG – USP. São Paulo, 1978 Contexto, 2010.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Lê, 1994.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ROSA, Flávio S. **Impactos da informática na cartografia**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA. 1996, São Paulo. Anais... São Paulo: LEMADI, 1996. p. 34-39.

SANTOS, Clézio. A Cartografia nos livros didáticos de Geografia: **Contrapostos de uma pesquisa**. Ver. Ciências Humanas. Taubaté. V.9, n.2, p.107-114, jul-dez 2003.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SAMPAIO, Antonio Carlos Freire, MENEZES Paulo Márcio Leal de, MELO Andriany de Ávila. O ensino de Cartografia no curso de Licenciatura em Geografia: **uma discussão para a formação de professores**. Revista Caminhos da Geografia 3 (16), out. UFU 2005, pág. 14-22.

SELBACH, S. et al. (Org.) **Geografia e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010, (Coleção Bem Ensinar).

SIMIELLI, M.H.R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, Ana F.A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SOARES M. B. Novas práticas de leitura e escrita: **letramento na Cibercultura**. Educação e Sociedade: dez. 2002, v. 23. n. 81, p. 141-160.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 11^a Ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

VLACH, V. R.F. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1989: 128 p.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA - CCEN
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

PESQUISA CIENTÍFICA

A utilização de mapas como Recurso Didático no Ensino Fundamental II
no Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos

ALUNO/PESQUISADOR: Williams Silva dos Santos

ESCOLA: Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos

PÚBLICO ALVO: Alunos

PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A):

SEXO: () M () F

IDADE: _____

QUESTIONÁRIO:

1- Você teve os primeiros contatos com os mapas desde a qual grau de escolaridade?

- () Ensino Fundamental I
- () Desde o início do Ensino Fundamental II
- () Apenas neste momento

2- No cotidiano de Ensino da Geografia você possui contato com mapas. Marque as alternativas no qual você possui esse contato:

- () Livro didático
- () Atividades xerocadas
- () Atlas escolar
- () Cartazes no quadro

3- Mediante a sua trajetória escolar no Ensino Fundamental II que frequência o (s) professor (es) de Geografia utilizaram mapas em suas avaliações:

- () Nenhuma vez
- () Raramente
- () Quase sempre

4- O livro didático adotado pela escola é composto por mapas com informações fáceis, sendo possível compreendê-los e ainda com a presença de suas devidas legendas?

- () Quase nunca. Os mapas apresentados deixam a desejar sendo preciso recorrer ao professor (a) para poder compreendê-los.

() Sim. Os mapas apresentam suas legendas e os textos que os antecedem

5- Com relação ao domínio/clareza do (s) professor (es) de geografia quando expõe conteúdos que apresentam mapas, assinale a opção que você definiria essa prática?

() Regular (*Meio confuso, ocasionando dúvidas*).

() Bom (*Compreensível, mas precisando de um reforço no conteúdo*).

() Ótimo (*Fácil compreensão, sem dúvidas no conteúdo*).

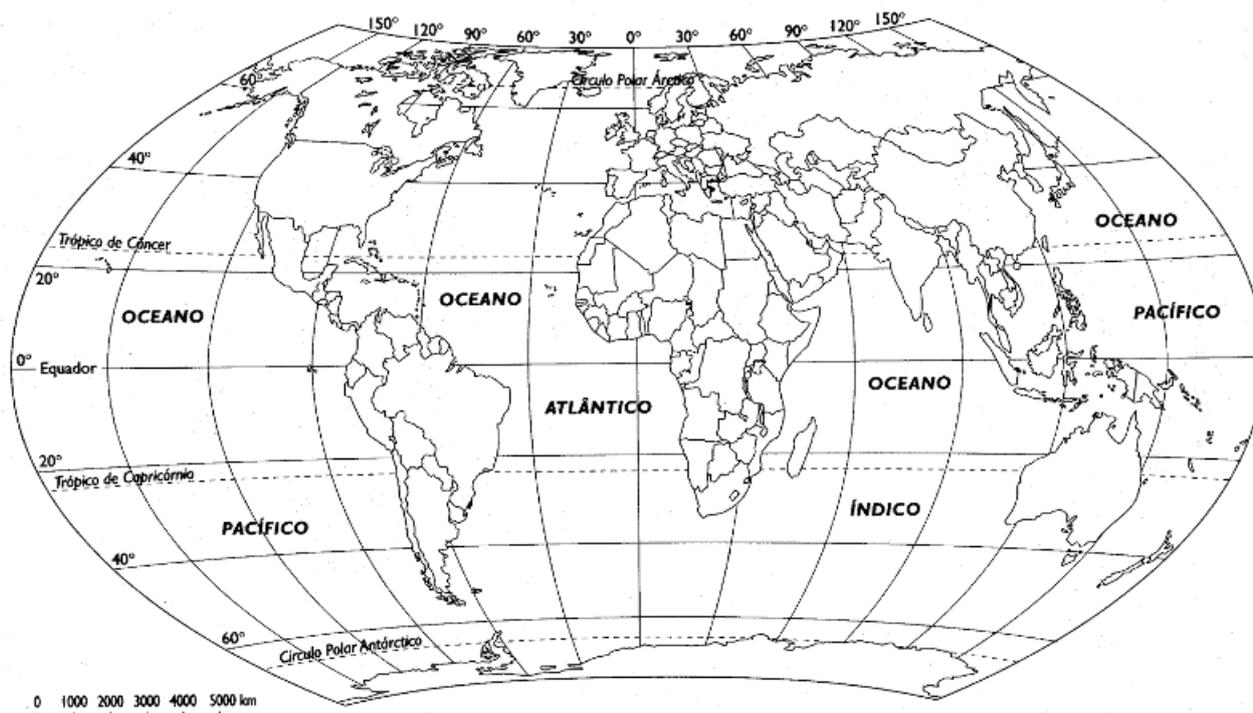
6- Com relação a utilização de mapas no Ensino de Geografia, marque o grau de importância que você considera e em seguida justifique a opção assinalada.

() Bom

() Importante

() Indispensável

7- Sabemos da importância de realizar exercícios que proporcionem a localização de algumas informações em um mapa. Observe o mapa a seguir e responda corretamente as alternativas apresentadas:



a) Quais linhas imaginárias cortam o território brasileiro?

b) O continente americano classifica-se como o segundo maior continente em sua extensão territorial. Escreva quais são os oceanos que o banham:

c) O círculo polar Antártico está presente mais próximo a qual continente?

d) Marque a alternativa que corresponde a localização: 20° S e 30° L:

() Norte da América do Sul

() Região Sul da África

() Oceano Índico

e) A Zona Polar do Ártico está próxima a que continentes?

f) Quais continentes são cortados pelo Trópico de Capricórnio?

g) Qual oceano apresenta-se tanto no hemisfério Oeste como no Leste?

h) A Linha do Equador é referência na divisão dos hemisférios Norte e Sul. Escreva a sua localidade em graus e de acordo com o mapa apresentado cite quantos meridianos ele ultrapassa:

i) É quase imperceptível a divisão política da Europa. Isso ocorre por ele estar bem próximo a outro continente. Qual continente é esse? _____

j) Os oceanos estão presentes em cerca de 70% da superfície do planeta. Qual deles é o mais extenso? _____

k) A Oceania é um continente diferenciado por ser composto por vários grupos de ilhas. A sua localização está mais presente no hemisfério Norte ou Sul? Justifique a sua resposta:



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA - CCEN
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

PESQUISA CIENTÍFICA

A utilização de mapas como Recurso Didático no Ensino Fundamental II
no Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos

ALUNO/PESQUISADOR: Williams Silva dos Santos

ESCOLA: Instituto Educacional Professora Maria dos Anjos

PÚBLICO ALVO: Professor de Geografia

PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A):

SEXO: () M () F

IDADE: _____

ENTREVISTA:

1) Em seu processo de formação acadêmica você teve a oportunidade de ter momentos específicos para o estudo de mapas? Se sua resposta for SIM, explique em seguida como se procedeu esse momento de aprendizagem:

() Sim

() Não

2) Em sala de aula, você utiliza mapas? Com qual frequência esses momentos ocorrem? A escola por sua vez, incentiva a utilização de mapas?

3) Os livros didáticos adotados pela escola trazem mapas em seus conteúdos? Se a resposta for SIM explique se os mesmos apresentam-se com facilidade de compreensão:

4) No cotidiano escolar você realiza atividades com mapas? Se realiza, qual o grau de dificuldade encontrada com o corpo discente?

5) Sabemos da importância do profissional qualificar-se. No decorrer do ano você encontra disponibilidade para participar de eventos acadêmicos em busca de novos conhecimentos? Se sua resposta for positiva, descreva que temáticas no ramo da Geografia ou áreas afins lhe interessa:

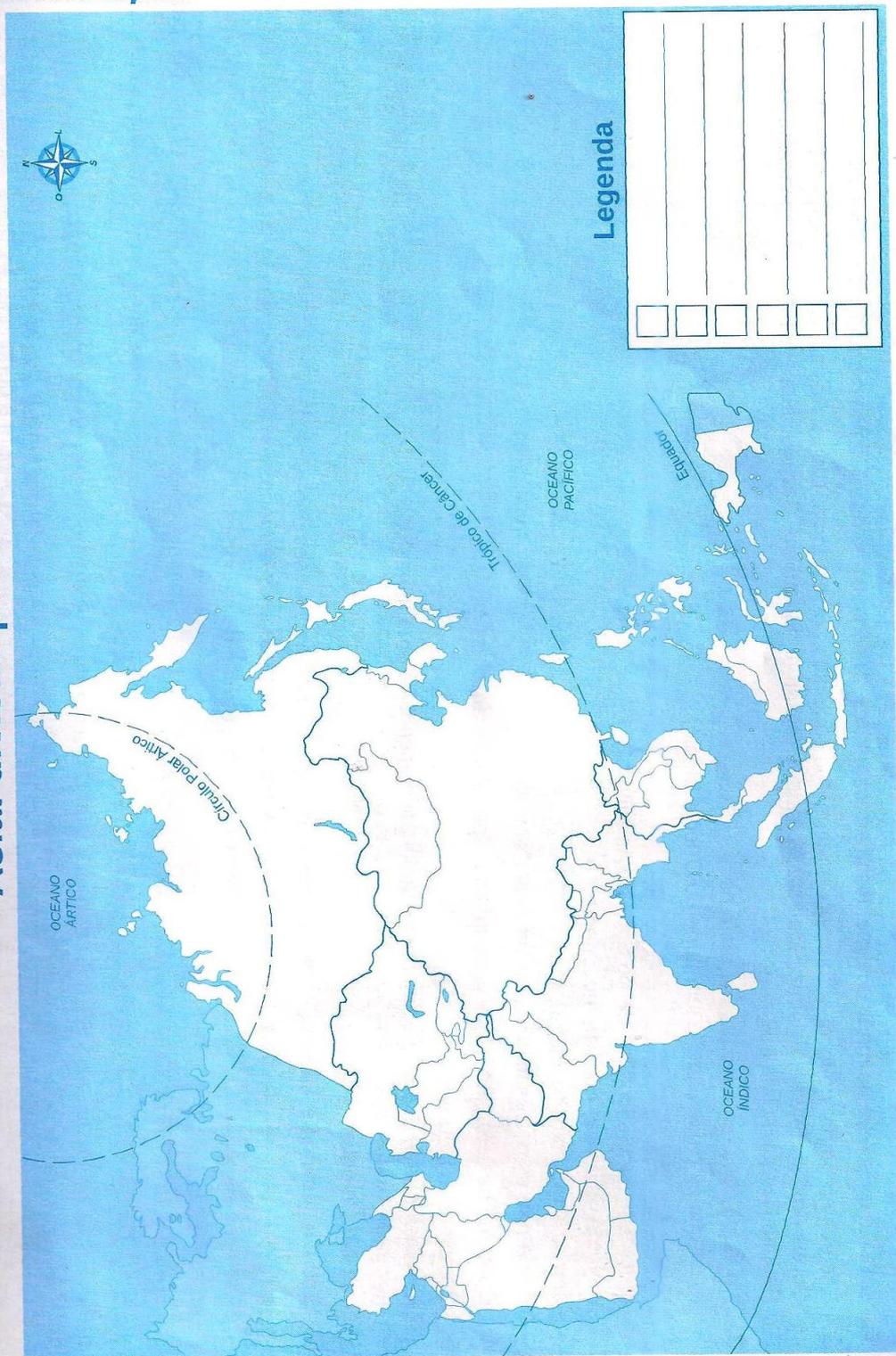
6) A cada momento acadêmico e profissional estamos em contato com diversos autores. Quais você leva consigo como referências em sua base profissional? Justifique sua resposta:

ANEXOS

IMAGEM 1

Para fotocopiar

Ásia: divisão política



Ásia: divisão política

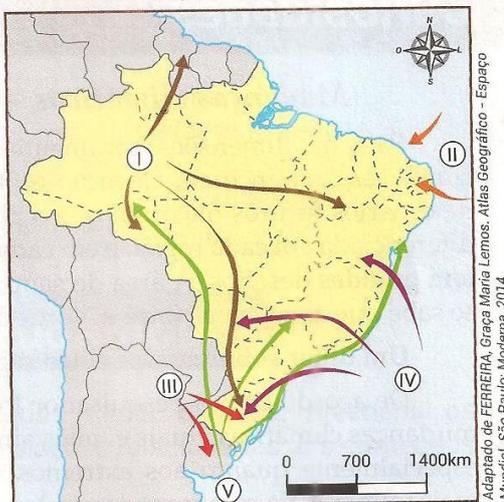
- Localize e escreva no mapa o nome dos oceanos, mares ou continentes que delimitam o continente Asiático a leste e oeste.
- Escreva no mapa, no local apropriado, o nome dos seguintes países: Índia, China, Rússia, Japão, Mongólia, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas, Malásia, Tailândia, Myanmar, Indonésia, Cazaquistão, Paquistão, Afeganistão, Iraque, Arábia Saudita, Turquia, Omã e Iêmen.
- No mapa construa a legenda, e pinte de:
 - laranja os países que fazem parte do Oriente Médio;
 - amarelo os países da Ásia Meridional;
 - roxo os países localizados do Sudeste Asiático;
 - verde os países do Extremo Oriente;
 - rosa a região Setentrional;
 - marrom os países localizados na Ásia Central;
- Contorne de vermelho os países com maior população absoluta da Ásia.
- Complete as lacunas:
 - A maior parte das terras do continente Asiático encontra-se no hemisfério _____ (Sul, Norte).
 - Esse continente é cortado pelas seguintes linhas imaginárias: _____, trópico de _____ e círculo polar _____.
- Sobre o continente Asiático, complete as lacunas a seguir com os países correspondentes:
 - A _____ e a _____ possuem parte de seus territórios em dois continentes: Ásia e Europa.
 - A _____ é o maior produtor de petróleo do mundo.
 - _____, _____ e _____ fazem parte de um grupo de países industrializados denominados Novos Tigres Asiáticos.
 - O _____ é conhecido como Terra do Sol Nascente.
 - A _____ é um país socialista localizado no extremo oriente do continente Asiático.
 - Em virtude de seu acelerado desenvolvimento industrial e econômico durante a década de 1970, a _____, juntamente com Cingapura, Hong Kong e Taiwan, deu origem à denominação Tigres Asiáticos.

IMAGEM 3

3. No mapa, estão identificadas as massas de ar presentes na dinâmica atmosférica sul-americana.

Assinale a alternativa que indica a massa de ar responsável pela friagem, fenômeno climático que se caracteriza pela baixa temperatura na Amazônia, no inverno. *Resposta: E*

- I.
- II.
- III.
- IV.
- V.

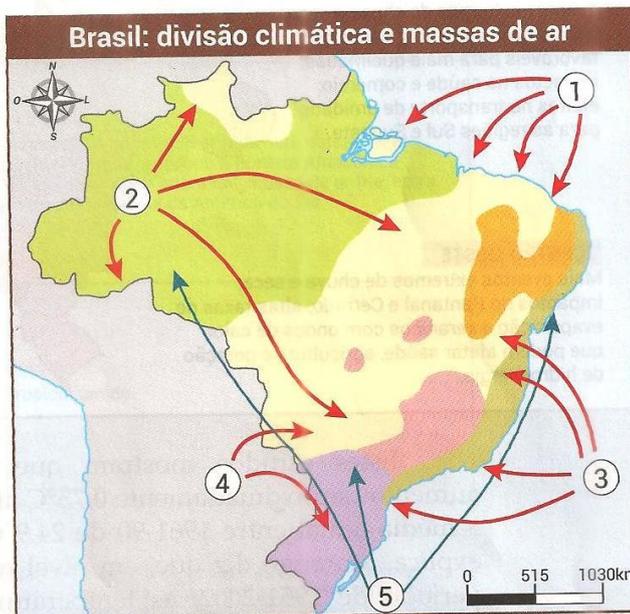


4. Observe o mapa a seguir e troque ideias com seus colegas sobre os climas e atuação de massas de ar no Brasil.

a) A partir dessa análise aponte em seu caderno quais as massas de ar que atuam nos respectivos climas brasileiros. O objetivo desta atividade é ampliar a interação entre os alunos e dividir as dificuldades do cotidiano.

b) Analise as proposições sobre as massas de ar que atuam no Brasil, representadas no mapa pelos números arábicos.

- O número 1 representa a Massa Equatorial Atlântica.
- O número 2 representa a Massa Equatorial Amazônica.
- O número 3 representa a Massa Tropical Atlântica.
- O número 4 representa a Massa Tropical Continental.
- O número 5 representa a Massa Polar Atlântica.



Assinale a alternativa **correta**. *Resposta: A*

- Somente as afirmativas I, III, IV e V são verdadeiras.
- Somente as afirmativas I, II e V são verdadeiras.
- Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.
- Somente as afirmativas IV e V são verdadeiras.
- Todas as afirmativas são verdadeiras.